Sempre-verde - Capítulo 1: Presságio - Wattpad

Compartilhar

As Três Cidades, Karuma, Nelora e Zenica, ou como são comumente referidas, as tri-dades foram uma união comercial, pagando tributos ao Império de Catalazar, que garantem a segurança de crianinosos, pois as tri-dades dissolveram seus exércitos após o fim da coalizão na guerra de 88 anos contra os elfos saqueadores da região montanhosa e densamente floresta chamada Anarphobo, a grande maioria fora dizimado nesse genocídio, poucos elfos que restaram vivem ainda nos covis das montanhas . As tropas de Catalazar estão em constante exercício militar para demonstrar o seu poderio sobre a outras cidades e manter o seu status quo. Sua função também é escoltar caravanas de comerciantes que vêm das cidades orientais atravessando o deserto amaldiçoado de Falamu, e também escoltando e protegendo em pontos no trajeto entre as cidades em expedições comerciais e de viajantes para evitar investidas de assaltantes de combsio. As cidades e seus distritos fazem fronteira do sul ao norte, tangentes à sua linitrofe com o deserto amaldiçoado. Seus cultivos são de acordo com seu clima, em Nelora, em seu pampa, com seus patos verdejantes, a atividade principal é a criação de gado, caprinos e também de equinos para servirem às tropas de Catalazar; Zenica, que fica ao meio das três cidades, é a mais rica entre elas, com o sucesso no seu comércio do tecido fiado do linho e suas confecções de peças de roupa. Mais ao norte, num clima mais frio, a atividade comercial de Karuma se baseia no cultivo do trigo, lúpulo e centeio e seus subprodutos como cerveja e pão; todas as cidades se beneficiam da união comercial, porém Catalazar cobra um imposto muito duro, como um pão velho que não se adaptou aos tempos de paz relativa.

A paisagem de cada uma das cidades são contempladoras, um esplendor de se admirar. Karuma com seus fiordes, penhascos e encruzilhadas, com plantação nivelada de cereais nas áreas altas; nas áreas mais baixas, abaixo do nível do oceano Boreal, se construíram com o esforço público diques e moinhos de vento com bombas parafuso para escoar as águas do oceano. Tavernas são famosas nesse local, com as melhores cervejas do sumo das safra dos trigo e lúpulo. Há 34 anos atrás, houve todo um esforço coletivo da população para remover os sais do solo e fertilizar os futuros campos de trigos para obter uma terra arável. Desde então, Karuma tem abundância de alimentos. Em Zenica, a cidade é rodeada por um fosso com oito flechas terrestres e cada um dos pontos cardinais com estradas apontadas para fora da cidade. É uma cidade com vias estreitas, com rio canalizados em que se rodeiam de edifícios construídos com pedras, com dois andares ou mais, sacadas floridas com vinhas de plantas escorrendo ao chão, com telas tricolores, símbolo da cidade, pendoradas em varandas e diversas pequenas praças comodantes com estátuas dos seus deuses e muuga abrindo às paredes das casas. Nelora tem seus vastos campos, coberto de flores silvestres e habitado por coelhos e marmotas, além de claro, dos animais trazidos pelos homens, antes mesmo do impacto, vindo do oriente. Bois, caprinos e cavalos. O orvalho molhando a grama e a tradição de tomar erveira-do-chão-lembreque, ou simplesmente "lembre" pela manhã, uma planta rasteira que são tóxicas para gados, por isso os gados são criados em cercados onde se roça essas erveiras facilmente identificável pelo seu caule vermelho. Sua efusão é uma maravilha a ser tomada, tem sabor amargo, mas te deixa mais ligeiro e te faz recordar melhor dos fatos, por isso o nome. Recentemente, além da insominação artificial para gados de bom grado, começou-se a produzir comprazidos de ton vermelho de erveira-do-chão-lembreque para a erva agir com mais agilidade, com o público alvo para estudantes que querem se concientizar na sua leitura e estudos com exatidão e não se esquecer do que aprendeu. Funciona muito bem. Em Catalazar, a fortaleza imponente e luuuusa, digna de um governo absolutista, que é onde fica o trono do Imperador fica num rochedo no alto de um penhasco, com seu caminho estreito e esguio. A cidade fica embaixo desse penhasco, no pé da montanha há uma caverna rica em prata, que é explorada pelos mineiros e a cidade é altamente escoltada por guardas e cercada por barricadas. É construída ao leito de um rio, chamado Profundeza por conta de sua altura. As margens do rio, há uma igreja em culto ao de arquiteturа gótica com um visual imponente e esculturas de quimeras e outros monstros, que aterrorizam aqueles que passam por ali despercebido. Was a cidade em si, é pobre, modesta, seus cidadãos sofrem com as altas taxas e o desemprego é crescente e lairões não tem chance devido a alta segurança da cidade. A pomposidade e riqueza é exclusiva para o Imperador e membros da aristocracia. Além de produzir a prata, que são utilizadas para confecção de moedas, exportação e por ouvires para produção de joias, a sua maior fonte de renda é o tributo pago pelas outras cidades necessitando de seu exército, onde o serviço é obrigatório a partir dos 16 anos de idade e se estende até os 21, se preferir não seguir a carreira.

Há um festival que reúne todas as cidades anualmente, o Triskelion, no mês de Outubro, início do outono; para comemorar a relação e a ordem entre as cidades em paz, onde participan comerciantes com produtos de diversos tipos, seda vindo do extremo oriente, comidas típicas de cada cidade, joias e talheres de prata do Império, venda a granel de cereais, tecidos e vestimentas de Zenica, o escambo sendo muito presente, leilão de animais e venda de artesanato local. Se calcula um ponto equidistante das três cidades livres, do rio sinuoso chamado Floanora, e o evento é feito ali, durante três dias; na época de sua cheia, ao lado do rio que flutua sob sete palmos do chão, onde na sua cheia a profundidade do rio chega a três metros. É uma grandiosidade ver uma parede d'água flutuando a sua frente e podendo ver através de suas águas claras e os peixes passarem. São feitos campeonatos de natação, pesca por lanças e fisgas na água e campeonato de limbo, só que ao invés de uma vara, se passa pelo vão entre o rio e a água, que é um desafio muito custoso e árduo, pois o comprimento da lacuna não é muito grande e se você molhar a cabeça, é desclassificado. Andes são proibidos de participar desse evento. No Triskelion é montado democraticamente as áreas de venda e os eventos que acontecem no festival, com os representantes de cada cidade e dois diplomatas do Império decidindo qual tema será escolhido por meio de voto deles para que seja discutido na tribuna.

Reza a lenda que o rio flutuante e os seus afluentes foram causados devido ao um desastre de 2000 mil anos atrás, quando um poderoso mago utilizou de sua feiticaria para destruir uma civilização antiga, os Pheops, que ali viviam numa grande floresta em emancipação com a natureza. Dizem que Alerando Nono, o tal bruxo, destituiu o seu povo de toda a magia e para que ela acabasse e a natureza se adaptasse, num intuito convocado por sua ira daquela civilização, pasiva, feliz e serena. Ele se tornou um grande vilão da história, outros o vejam como anti-herói, afim de reerguer a sociedade de um ponto zero, sem magia avançada. Ele estava farto de ver aquele povo feliz e sem problemas sociais. Alguns de seus seguidores do deserto o cultuam como o "Demagiador", o fiel à Ignorância". A flora e fauna que sobreviveu ao impacto são únicas, pois a água desta terra amaldiçoada por Pheops nunca cai ao chão, nem toca o solo sem a influência da capilaridade das plantas, assim fora contada a história de seu povo sobrevivente a Gideon, o protagonista desse livro. A natureza se adaptou, assim como os seres humanos que sobreviveram no local. Seguiam o o fluxo do rio, conforme as estações e colhendo de seus frutos e verduras.

Um exemplo dessas plantas é o Crisângueto, que absorve água por seu caule e a transporta até as raízes para ocorrer a absorção de minerais, grande fonte de nutrição para o povo do deserto, o tubérculo é rico em carboidratos. Sua semente, alada, é solta nas estiagens do rio e flutua lá até se enraizarem no solo. Há diversos tipos de plantas aquáticas, que no tempo de seca seus caules grudam ao chão afim de não ficar desamparadas, sem fixação. O Jaquaringá é a árvore símbolo do deserto, ela cresce em enormes magnitudes, espalhando suas raízes pelos rios e se assegurando ao solo nos tempos de seca, guardando água em seus reservatórios em formato de fruto, que armazenava o suficiente de água para amadurecer uma nova árvore. O deserto na seca é coberto de árvores "mortas", sem suas folhas, mas que assim florescem e nascem as novas folhas quando passa o Floanora. Alguns tipos de peixes na época de cheia, vão do oceano para esses berçários provocados pelas raízes do Jaquaringá e se reproduzam ali livre de maiores predadores. Os insetos polinizadores se enterravam na terra durante sua metamorfose, deixando para trás suas exúvias fertilizando o solo e partindo para outra vida, da metamorfose, polinizando as plantas que ainda restavam e se adaptaram desse deserto com vida. A umidade no topo dos cumes de areia era o suficiente para sobreviverem aos tempos de seca. O mesmo para uma espécie de rato, que conseguia água apenas com sua alimentação. O grande predador de lá nem era tão grande assim, tinha menos de dois palmos de altura de um corpo esguio de felino, caçava os roedores e insetos. Assim como os nômades, ele, o Gazerto, segue o caminho do rio para não se desidratar, por isso é tido como um animal perigoso e presente, pois pode atacar crianças indefesas se não for tomado o cuidado necessário.

A fauna e a flora de lá são tidas como misticas por outros, devido sua capacidade de perseverança num ambiente tão arrido e hostil. Mas falando em hostilidade, o Império de Catalazar pretendia aumentar a sua área de influência e recuperar o conhecimento perdido dos Pheops, com escavações no deserto e procuras de artefatos mágicos. Was tudo para guardar em suas mãos, sem compartilhar com os outros povos, afim de obter maior poder.

No deserto, cujo havíam vários nomes, Jaleiel, Falaeu e Argaz, era uma terra sem lei. Poucos viviam ali, vilas de tribos indígenas sobreviventes do Impacto e também caravanas de mercenários aventureiros indo atrás de relíquias perdidas de Pheops. Havia de ver em quem se embate entre os mercenários, quando eles encontravam a localização de um menos tesouro numa ruina pelo deserto, travando batalhas entre tropas diferentes. As caravana iam atrás de ervas raras, medicinais e outros recursos para comercialização, por escambo ou moeda. As vilas viviam nômades, seguindo o leito do rio. Gideon Oliver, que cresceu em uma dessas vilas, tinha herdado uma relíquia de sua mãe, um "olho" que vê a intenção dos outros, mostrava em sua visão uma aura de diversas cores, conforme a intenção. Quando ela morreu, Gideon tinha o desejo de achar algum lugar de certo esplendor para espalhar as cinzas de sua mãe.

Segundo a lenda, contada pelos anciões da aldeia, de que algum dia, um escolhido traria toda a glória de Pheops e vida naquele deserto assolado, porém exuberante em sua resistência às contrariedades causadas pela calamidade. Na ocasião desse evento, tudo se ruiu, as águas embaixo do solo começaram a subir e a terra toda tremeu com a quantidade de água vindo do subsolo e ela, pelo chão começou a alagar tudo até se formar um firmamento, uma cúpula cheia de água que flutuava a três palmos de chão. O cenário foi desastroso. Arruinou com toda aquela majestosa civilização, que vivia entre as árvores, destruindo as imponentes construções edificadas ao redor das árvores, tendo um sistema de plantio nas próprias edificações, vivendo em harmonia com a natureza, onde colhiam principalmente o fruto do pé de Conhemeperija, com epicarpo um azul meio transparente e o mesocarpo um azul escuro, sombrio. A fruta tinha uma substância que te trouxe uma paz interna, como um calmante. Sementes dessa planta foram conservadas e hoje são dispendiosamente cultivadas em estufas, com umidade de 80%, servindo para fins medicamentosos, custando uma fortuna. A cena era de destruições, animais, árvores sendo removidos do chão e pessoas se afogando numa água flutuante, as que sobreviveram por sorte ou foram nadando junto com a correnteza, ou sobreviveram nos escombros esperando a água se escoar, vendo tudo o desastre que ocorria acima. Formaram-se algumas tribos que sobreviveu de subsistência após a queda da nação mágica, Gideon era da tribo Arcanas. A água que escapava para fora da cúpula tudo imundara, chegando até Anterzão, a montanha sagrada dos anões, e aos povos do oriente. Imundando tudo que vinha pela frente.

En Arcanas, todas as casas e edificações, bares, hospedarias e lojas eram temporárias, feitas de panos erguidos com madeira de Jaquaringá ou areia escolgida, com água, que durava cerca de um ano, o suficiente o rio retornar ao seu lugar e voltarem a restabelecer os negócios. É um modo simples de viver, mas confortável. Só era difícil durante as tempestades de areia, onde todos se reuniam numa cômoda enorme feita de areia esculpida para acomodar os moradores em caso de tempestade de areia.

O efeito da magia então perdura até os dias de hoje, o firmamento que se formou e logo foi se esvaziando, se tornou um rio, que muda o seu percurso por meios mágicos e desconhecidos. Gideon, o protagonista dessa jornada, não estava certamente preparado para as aventuras que o permearão.

Sempre-verde - Capítulo 2: A Caravana

Compartilhar

Gideon era um comerciante nato, sabia quem se interessava por seus artesanatos e plantas medicinais. Quando ele se olhava no espelho, graças aos óculos mágicos, ele também via as mesmas qualidades. Numa névoa colorida, as cores tinham nomes que representava características. Por exemplo, uma aura amarela (Orbein-or) representava boas intenções, uma vermelha (Grotden) um coração bondoso e verde (Grau) um ótimo julgamento, de erros que pretende-se não se repetir. Gideon formava um arco-íris com essas cores. Ele teve dificuldade no começo, pois não havia lido o manual deixado por sua mãe. Foi traduzido por ela da língua de Pheops, menos os nomes próprios das cores. Ela trabalhava traduzindo pergaminhos encontrados no deserto. Gideon imaginava que as cores significavam coisas diferentes, como aromas sendo exalados ou os sentimentos sentidos, nisso ele estava certo, só não sabia identificar quais. Ele achou empoirado junto aos pertences de sua falecida mãe o manual e após ter o lido, compreendeu.

Uma caravana com dromedários vinha de Ferrohz, outra tribo de sobreviventes, conhecida por grande guerreiros e comerciantes de pele de Gazerto; eles passariam ali pernoite para descansar. Gideon, ouvindo de sua chegada, ficou curioso em ir conversar com alguém de fora, o que era uma raridade e ele não possuía muitas amizades em sua vila.Queria saber de histórias pelo grande mundo em sua frente, na frente do diminuto conhecimento do continente, se decidiu contente a ir conversar com cada um deles e conhecê-los.

Ele seguiu a trilha deixada pelos dromedários e ao encontrá-lhos passando às margens do rio Fioanora, viu alguns membros da caravana acampando ao redor de uma fogueira e disse:

- Olá, prazer! Vi que vocês estão passando a noite por aqui, para descansar. Sou um comerciante de ervas medicinais e gostaria muito de saber de suas histórias da caravana! Ficarei grato se puderem compartilhar um pouco de seus contos de aventura! Me chamo Gideon, e vocês? Interrompendo sua apresentação, surge uma garota machucada cambaleando em caminho onde a caravana estava acomodada. Era Lunia.

Ela pediu socorro e se encaminhou ao seu irmão gêmeo, Dunia. Ele perguntou:

-O que aconteceu, irmãzinha? Você está toda machucada! E sangrando! Você sabe que eu não suporto ver sangue!

Ele desvia o olhar de sua irmã, tampando com as mãos enquanto ela fala.

-Foi uma briga no bar. Você sabe o que acontece quando me dão aos nervos. Ai!

Ela grita de dor, e Gideon tornou-se a ajudá-la.

-Calma, espera aí, eu tenho umas ervas que podem te ajudar e sei fazer o tratamento com gaze.

Enquanto ele a remediara, ela contava para Dunia e Gideon o que aconteceu no bar.

-Sabe, eu sempre fui muito de apostar. Eu apostei a única coisa que nos restara de nossa mãe, um colar de relicário, com sua foto dentro. E o apostador e seus companheiros mais de 10 moedas de ouro de Infortune, Eu estava blefando, minha mão estava vazia. Eis que mesmo uma boa mentirosa, com minha expressão impassível, eles não caíram no blefe. Eu perdi, mas claro que não quis perder o colar, com minhas mãos rápidas, agarrei o colar de volta da mesa. Mas me agarram para a mão e perguntaram "Para onde você vai, menininha?". Eu mordi-lhe-o braço e fiz me soltar, mas estavam na porta barrando os seus capangas. Eu lutei e causei um alvoroço. Lembrei que tinha um panfleto de um foragido guardado no bolso e só depois que reconheci que era o homem com quem eu apostara. Apontei para o auto-retrato e afirmei que o homem era o tal foragido, todos sacaram suas armas e foram para cima dele. Lutei para sair de lá, com minha faca guardada na minha meia-calça. No combate eu escapei com um corte no braço por uma adaga e um corte na cabeça, por uma garrafa quebrada ali.We tonteou por um momento, mas logo eu pensei "E fugir ou morrer" e pus minhas pernas em movimento. Dovu demais, mas escapei viva. Conferi se vieram atrás de mim, mas estavam muito ocupado com o tal foragido.

-Nossa, que aventura em tanto! Disse Gideon entusiasmado com a história contada.

Seu irmão, mas preocupado:

-Dunia... nunca mais faça isso. Não ande por aí sem mim! E o colar de nossa mãe...! Você sabe o quanto ele é precioso para nós!

Depois de estancar o sangue e remediar os machucados de Dunia com Kalinho moído, ele disse que não precisava pagar nada pelo trabalho, afinal, ele queria apenas ouvir suas histórias seria de bom grado. Lunia, curiosa sobre seu estoque de ervas medicinais, afim de se alegrar um pouco e deixar a dor passar, perguntou:

- Tens daquela erva mágica que te deixa mais "almofadinha"?

Ele entendeu o que ela quis dizer e respondeu:

-Ter eu tenho, respondeu Gideon, mas é disso que você precisa?

O irmão dela esclareceu:

-É melhor não, Lunia. Tu já não estais batendo bem da cabeça bêbada, imagina sob efeito de Majória...

Gideon se dirigiu ao Heriberto, o anão da caravana perguntando:

- Os dois são sempre assim mesmo?

- Oi! Olá! Sim, sim, são assim mesmo, mas eles se amam, né? E isso que importa, o amor, ah, o amor... Me faz lembrar de minha querida Javina, algum dia eu volto para vê-la de novo, quando eu estiver rico, é claro! Os pais dela não me aceitaram por ser um pobretão e não conseguir pagar o preço da noiva...três vacas, um cavalo e um bracelete de ouro... foram o que eles me cobraram e... é... eu quero ser rico!

Gideon, descancarado com todo o desabafo dele, falou objetivamente e refletindo:

- É mesmo? Que legal os seus sonhos, sonhar é importante, mas pensando bem, o meu sonho... eu ainda não sei qual é o meu sonho. Que estranho. Eu sempre vivi nesse aldeia, sem nunca explorar o mundo lá fora. E vivo sem sonhos. Talvez... mas só talvez... é dar uma escapulida daqui.

- Escapulida? Hahaha! Escapulida... rima com bebida. Por que você não toma umas com a gente? Em gratidão a ajudar a irmã de Dunia. Temos um bom estoque de cervejas de Karuma!

- A-aceito. Mesmo se for só um gole, mas quero um gole de suas aventuras. Disse ele timidamente, porém efusivo em dizer que queria saber mais de suas façanhas.

- Venha, não se intimide. Vou chamar a nossa líder para beber junto conosco. Ela poderá compartilhar de nossas histórias juntos. Mas primeiro irei me apresentar. Sou Heriberto Workard, venho de uma cidadezinha chamada Alzeviza, produtora de uvas e bons vinhos. Isso pode soar meio élfico, que foram extintos 300 anos atrás depois de ser travada a Grande Guerra Elfo-Anã, que perderam e os seus restantes sobreviventes, que alcançavam até 600 anos de idade, imlodos para os nossos deuses ambos! Hahaha! Trágica história, mas eles eram bons bebedores de vinho! A cidade era élfica, foi ocupada por nós após sua conquista e fizemos uso de suas videiras.

Aurora Nitelide, líder da caravana e grande espadachim, era quem comandava o comboio, empurrado por quatro dromedários, dois carregando uma carroça coberta onde eram levados os tripulantes e dois atrás trazendo mercadorias, guiados por cordas; Aurora tinha um forte caráter e era muito rígida nas suas regras, tinha uma alta estatura, cabelo curto até o pescoço e uma fisionomia muito esbelta e pele bronzeada, além de uma cicatriz no olho esquerdo de batalhas passadas.

Heriberto Workard era um lunático pelos artefatos mágicos de Furiei, possuía dois, a Meta Fotométrica que era só você imaginar algum projeto de construção que ele aparecia com luzes azuis na área. O outro era um sapato que não deixava chulé, nada do que ele tinha muito orgulho... Calçava 42 e esse sapato ficava apertado para ele. Embora tenha um pezão, tinha 1,45 de altura da raça anão, era destro no uso de seu estilingue carregado com pedras redondas moldadas pelas correntezas de rios. Vindo das montanhas do outro lado do Império, em Wortzozr. Adorava beber e às vezes meio sem fio de tanto que gostava de falar. Sua pele era como cobre e sua barba como a de um Deus.

Dunia e Lunia Shepherds eram irmãos gêmeos de sexos diferentes, mas eram totalmente diferentes, seres discernentes, Lunia, fazia o papel de Huehue, um Deus do chaos e do bom humor, só gostava de causar caos, brincadeiras e intriga, seu irmão, 5 minutos mais velho, era uma pessoa equilibrada, estudiosa e gostava de viver uma vida mansa e de cuidar de sua irmãzinha e suas perspicácias, acreditava em Duda, Deus do conhecimento e bom discernimento. Lunia tem um longo e esguio cabelo preto, face fina e bastante atraente com sua pele como neve, seu irmão tinha traços parecidos, mas com um cabelo curto e pele igualmente branca. Os dois faziam papel de mercenários, Lunia com suas duas facas e Dunia com seu arco e flecha.

Aurora comprou de um ferreiro uma lixa para sua espada de esgrima, para deixar sua ponta mais afiada, assim como sua língua. Dunia, por meio de uma conversa com Gideon, recomendou a ele que fizesse parte da caravana e assim o fez, quando foi conversar com Aurora:

- Boa tarde, sr° Gideon, me contaram que você quer fazer o papel de comerciante de nossa caravana, você está disposto a seguir as regras?

Sem hesitar, disse, prontamente:

- Mas é claro! É quais são as regras?

Aurora respondeu duramente:

- Viagem de 3 horas para descanso de 25 minutos, à noite haverá trocas de sentinela da caravana a cada também 3 horas a partir das 22:00, que é o horário onde a caravana descansa; almoço ao meio-dia e janta às 18:00 horas da noite. Pode haver algum lanche durante o período de descanso, desde que não ultrapasse o tempo. Também, você deverá cumprir com as leis de honra, respeito mútuo e honestidade, para que sejamos uma caravana respeitada publicamente.

Gideon, concordando levianamente:

- Tá certo então! Eu espero não ter que mentir para vocês...

Ele após dizer isso pensou "eu não vou precisar, eu sei a intenção das pessoas".

E ela, um pouco desconfiada:

- Aham, sei, mas essa eu vou deixar essa passar. Tenho confiança de que você fará parte de uma grande graça para nosso comboio. Vindo de terras árduas, aprenderás a seguir caminhos mais difíceis que já seguistes.

E assim, fazendo parte da caravana, Gideon começa sua aventura bem-aventurado e protegido. De manhã, partiram até Nelora, para prestigiar o festival do Boi Morto que se dá no começo do inverno, a tradição era fazer churrasco de gado enfermo para não transmitir as mazelas para os gados sadios, Demorariam vinte e um dias para chegar até lá e o festival se dava no dia 25 de dezembro, estavam no dia 3, então era uma corrida contra o tempo. No meio do caminho, ouvia-se muitos barulhos de alcateia, mas nada que dava muito medo, pois no escuro da noite os lobos tinham medo da luz do fogo resplandecendo na escuridão do fogaréu feito no acampamento. O eixo de uma roda quebrou ao transpassar por uma pedra, mas Heriberto com seu talento arrumou numa tarde só com suas habilidades de marceneiro e lenhador. Chegaram à Nelora pela manhã, bem no início do evento. O tempo era de uma forte nevasca que ofuscava a visão, mas aconchegante com todas as chamas ali acessas para avizinhar e guiar os visitantes.

Sempre-verde - Capítulo 3: Boi Morto e Vergonha à Solto

Compartilhar

O festival começava com os bois sadios girando o engenho para mascar a cana-de-açúcar para o preparo dos doces típicos da região, doce de mocotó e gelatina colorizada com corantes de cochonilha vinda de cactos do deserto, além de obviamente o delicioso caldo de cana. O churrasco começava a ser preparado às 13:00 horas e durava até às 17:00 horas, sacrificando os bois doentes pela garganta ensanguentando todo o altar e sendo preparado todo um ritual de cultuamento à saúde dos demais. Mesmo que seja contraditório, já que nessas época muitos adoeciam graças esse ritual. Mas trazia lucro para os curandeiros, ao menos. Dunia foi provar o doce de mocotó e não aguentou o odor, nem subir o borocotó pra ir até o cume onde eram preparados os doces. Sua perna estava cansada, enquanto isso Lunia participava do evento "Encerca o Boi", que era um rodeio para levar os bois enfermos para o seu abate. Conseguiu levar 7 em meia-hora, o limite de tempo, ela montava tão bem o cavalo tanto que deram um bônus de 5 cordões por ela rodear os bois. Rendeu-lhe 25 cordões a brincadeira, ou o trabalho, que seja. Pra ela foi divertida cercar os boizinhos na jaula.

No churrasco, houve o seguinte diálogo:

- Depois disso, para onde iremos? Disse Gideon que já vendera metade dos seus estoques de ervas medicinais para pessoas desprotegidas da doença da Vaca Louca, que era muito transmissível por causa da alimentação de bois doentes, o que lhe rendeu bons tostões e não era bobo não, foi bem esperto de ter vindo pra este evento preparado, ouvia histórias na sua tribo de viajantes, que passavam mal e só precisavam de um pouco de folhas de Conhenempeiría e um toque de Philia, ambas ervas medicinais para passarem bem. Lhe rendeu 52 cordões a venda das ervas para quem se adoeceu.

Aurora, retrucou:

- Seguiremos a estrela do norte, o Bem Maior. Lá comercializaremos com tecidos de Zenica, em troca de suas ervas e nossos produtos trazidos de Ferrohz, espadas e arcos.

Aproveitaram o churrasco e as comemorações de boiada com muita alegria, se divertiram e beberam à beça com os eventos da feira, Dunia até conseguiu uma pelúcia de coelho em um daqueles jogos de feira fraudulentos, num jogo de mira, graças sua astúcia. Deu de presente a Lunia, que aconchegou-se com coelho de crochê, lhe chamou de Primavera. Mas a aventura e desafios estavam prestes a começar...

Preparando o comboio para viagem, Aurora foi abordada por patrulhas do Império, cobrando tarifas por quem passava por suas rotas. Gideon colocou seus óculos e via neles má intenções, diferentes auras escuras, como se fossem saquear os bens do comboio. Ele contou de seu artefato a Aurora apenas, para evitar inveja e adquirir confiança na líder, pois então foi melhor pagar os 25 cordões cobrados (cada passageiro pagou 5 cordões) para passarem por ali, quando a taxa na verdade era muito menos baixa, 3 por cada. Seguindo a Bem Maior, não havia mais paradas ali para descansar, era difícil para Gideon dormir em movimento e com barulho das rodas girando. Mas assim seguia a viagem. Chegariam à Zenica em aproximadamente 5 dias seguindo esse ritmo de viagem, alternando duas pessoas entre turnos de quem guiava a caravana. Entraram pelo seu portão sul, num terreno em formato de flecha, cercado por águas profundas.

Durante uma noite, em que eles comandavam a caravana, Lunia e Gideon tiveram conversas no mínimo constrangedoras:

Ela, do seu jeito solta de ser, perguntou para Gideon:

- O que você acha dos meus peitos?

Ele, constrangido e acanhado com a pergunta, respondeu gaguejando:

C-como assim?

Ela, sem vergonha alguma, pegou as suas mãos e o fez tocar levemente nos seus seios.

- Ein, o que você acha dos meus peitos?

- E-e-eu não acho nada! N-não sei.

Ele pegou rapidamente os olhos de Avir do seu bolso para ver suas intenções e via que ela estava cheia de tesão. Uma aura rosa (Kavcorneum). Gideon sempre teve problemas com mulheres. Na época de primavera, a partir dos 16 anos, rolava um evento entre os jovens de sua vila onde os participantes que se escolhiam iam em ciranda dançando ao redor de um mastro de Jaquaringá com laços até estarem todos contorcidos e entrelaçados, o laço significava a junção de dois em um, só que para ele, não quis nenhuma das participantes, mesmo estando várias a seus favores, por ser bem admirável na beleza que possui. Gideon era formoso, até na maneira de andar, belo, de rosto esguio e cavanhaque prepotente na sua barba proponente; sua pele era morena, caramelo, quão como madeira de pinha e seu rosto era livre de espinhas. Quando os participantes enrolavam os laços com seus parceiros, era dado um beijo de gratidão, coisa que não aconteceu com Gideon por não querer participar desse evento, toda primavera recusava, pois ele mesmo se via nos espelhos sentimentos de rejeição em se relacionar com mulheres, uma cor cinza (Aefchar), em todo festival desses que houvera.

Ela, aborrecida, disse:

-Aff, como você é sem graça!

- Me desculpa! É que foi... tão de repente, diz ele se sentindo desconfortável com a situação constrangedora.

-Tanto faz! Disse ela sem se importar com o que ele falou.

Acabou os seus turnos e os dois foram dormir. Em lados opostos, virados para a parede.

Depois desse ocorrido vergonhoso, ao nascer do sol, os dois nem conseguiam olhar-se na cara um do outro pra fazer um comentário sobre o clima. Mas isso não durara muito, por Lunia era muito terna, cheia de ternura para dar e preocupação para se preocupar. Ela lidava com seus entusiamos e impulsos de sua maneira, com seu irmão lhe prometendo ajuda nesses momentos de loucura. Mas isso não lhe foi comentando. Gideon gostava muito de conversar com Dunia pois ambos se entendiam, isso deixava Lunia meio ciumenta, tanto por parte de seu irmão, por não estar lhe dando atenção, tanto por parte do amor platônico que sentia por Gideon. Ela faria de tudo para conquistar Gideon... mesmo que talvez isso não fosse possível.

Ao terceiro dia de viagem, Dunia foi caçar com Gideon alguns coelhos e com sorte um cervo, já que o estoque de comida estava escaço. Gideon utilizou de armadilhas preparadas pelo Heriberto e Dunia conseguiu caçar um cervo com seu arco e flecha. Gideon apanhou dois coelhos nas armadilhas. A caravana fora descansar à beira de uma enseada e lavarão suas roupas.

Sempre-verde - Capítulo 4: Canalização e Fraternização

Compartilhar

Dunia havia perguntado como era viver às margens de Floanora ao Gideon, os dois que estavam lavando roupas no leito de um rio, dando a seguinte conversação:

-Ei, me fala, como é que aquele rio flutua e suas margens não desabam? Por que não é que nem como os rios daqui?

Gideon respondeu, com um ar de autoridade no assunto:

-Ninguém sabe bem como é que são as barreiras mágicas que trajam o seu curso, nem como ele flutua, mas sabemos que isso varia de estação, mas vivemos como nômades seguindo o trajeto do rio, assim como outras tribos, só que em cais diferentes.

Dunia, curioso e intrigado, imaginou:

- E se fosse possível tornar o rio um único curso, canalizando-o, a fim de beneficiar a agricultura, assim como é feito em Zenica com seus rios canalizados?

Gideon, nenhum pouco surpreso com a pergunta, respondeu:

- Isso já foi tentado várias vezes, mas as represas não funcionam...É como se o rio tivesse vida própria, esganasse por entre os buracos do concreto e passa para o seu leito mudado... imundando e destruindo as barreiras construídas em volta, vira pó. Mais areia pro deserto. Talvez só com magia poderia tal coisa ser possível.

Dunia, babando ovos de Gideon, disse bem assim:

- Então vamos encontrar essa magia! Que magia mais do que essa que preste para toda a sua tribo! Nossa viagem é longa, até Zenica, tentarei convencer Aurora de nos levarmos até de volta ao deserto em busca de artefatos.

Aurora, banhando-se nas águas da ribanceira, ao lado de uma cachoeira, se levantou com as mãos tampando seus seios, que são apenas o suficiente, redondos e tenros, do tipo que você deseja testar a firmeza como uma fruta, sentir o peso se acomodando em seus dedos e ouviu as conversas dos dois, enquanto eles esfregavam as roupas e advertiu:

- Ei! Iremos seguir o curso do nosso roteiro, nada de mudanças!

Os dois constrangidos em serem pegos no pulo do gato:

-Tá certo, Capitã!

Se ao menos eles conseguissem convencer Heriberto também, que quer ir a sua terra natal, Mortozor, talvez a Capitã aceitaria... Já que Lunia é totalmente fiel a seu irmão.

Ao caminho de Zenica, Dunia e Gideon foram tentar convencer Heriberto de visitar o deserto ominoso, que é cheio de perigos, armadilhas e mazelas, mormaço de dia, congelante a noite, falta de comida e água... com uma língua bem afiada e solta talvez seria capaz de convencê-lo a enfrentar tais desafios. Mas não foi bem assim. Heriberto é esperto demais para isso.

Ei, ei, Heriberto! Os dois em plural chamando-lhe a atenção.

- O que foi, hum? Disse ele um pouco acanhado.

Dunia disse com a ajuda de Gideon:

- Estamos querendo mudar o curso da viagem para Argaz, afim de buscarmos mil maravilhas e magias capazes de cursar o curso de Floanora!

Heriberto, pensando só no último dizer, falou com facilidade e fluência como jamais vista no assunto:

-Ah, sim, sim. Floanora, o rio que flutua e afluentes que despejam as águas dos céus. Conheço muito bem. Fiz parte de um curso no Triskelion às margens do rio, as tentativas de canalizar o rio foram todas com materiais permeáveis e não impermeáveis! Aí é que tá o problema. Não é uma questão de magia resolver isso do rio mágico. O problema é material. Ferro corrói, concreto se destrói e então é vidro que deveria ser feito os grandes canais de Floanora... Mas talvez só um vidro bem reforçado para aguentar o tranco que vem daquele fluxo! Ah.. o difícil é o dinheiro, colunas de vidro por extensão de quilômetros não sai muito bem pro bolso não, pro bolso não, não. Talvez quando eu for rico eu realize esse megaprojeto com muita proeza! Hahaha! Disse Heriberto, com orgulho no coração por tanto conhecimento e feliz por contribuir com essa ideia.

Disse Gideon:

-Oras pois! Então vamos fazer de tudo para o possível! Nenhum sonho é tão longe quanto esse! Animado, porém confuso com a probabilidade de as coisas derem certo.

Adicionou: os tecidos de Zenica rendam bons bocados em sua terra natal, Heriberto. Lá poderíamos contratar ferreiros para criar um vidro tão claro quanto essa ideia. Poderia eu, se capaz, mobilizar a minha tribo toda a trabalhar nesse projeto... isto é... se eu conseguir convencer o chefe da tribo... o meu pai.

- Lunia se intrometeu na conversa e falou extasiada:

Seu pai é o chefe da tribo?! Por que você saiu de lá então?

Gideon, respondeu a pergunta em omissão:

-É um assunto particular. Algum dia vocês saberão o porquê.

Aurora, ouvindo todo o bafafá, comentou:

Ei vocês! Logo à noite chegaremos em Zenica, então faça-lhe o favor de escolherem seus quartos assim que chegamos. Dunia escolherá um quarto compartilhado com sua irmã dormindo com seu coelhinho de presente, Heriberto e Gideon farão o mesmo, para economizar alguns cordõezinhos. Aurora dormirá sozinha com sua espada sem a bainha ao lado da cama, para proteção, como sempre fazia antes de dormir.

Sempre-verde - Capítulo 5: Anões e Camaradagem, com o Eco de Conflito

Compartilhar

Acordando logo de manhã, Gideon saiu do hotel sem tomar café da manhã, apressando-se para formar sua tenda de comércio antes dos demais, para pegar o melhor lugar disponível. O comércio de ervas lhe rendeu 58 cordões, 30 dos quais ele comprou tecidos de linho para serem revendidos em Mortozor e 5 cordões de pagamento para Aurora devido a taxa que lhe devia pagar por participar do comboio, que o encontrou logo ao fim da noite desconstruindo a sua tenda.

No salão do hotel que se hospedaram, as pessoas conversavam e rondava boatos de que o Império de Catalazar estava aumentando as taxas das estradas construídas que uniam as cidades, eles mantinham um monopólio no transporte público e na proteção de caravanas, isso deixou a guilda de comerciantes enraivecida com o aumento do imposto tributado. Sendo que no Triskelion passado não foi dado nenhuma informação de tal aumento. A caravana já havia sofrido de tal male, e estava pronta para afirmar os rumores. Heriberto, conversando com outro anão, chamado de Hildor Saitril, um anão relativamente alto, com braços fortes e pele bronzeada, barba ruiva e cabelo calvo, bebendo muitos litrões e tagarelando:

-E aí compadre, tudo bem? Bom encontrar outro anão para conversar sobre a nossa morada e compartilhar várias cervejadas! Como estão as coisas por lá, ein? Estão tranquilas como neve no deserto? Hahaha! Perguntou Heriberto com tremenda curiosidade.

Pausando com um gole de chopp, ele também comentou:

-Eu ouvi esses rumores das taxas aumentadas nas estradas que transitamos, é verdade sim, é verídico, claro como esse copo de cristal que carrega meu chopp!

Hildor, receoso afirmou:

Então você já está sabendo do valor subido das taxas, não é; né mesmo, né? É para financiar um exército maior ainda! (Eles têm um modo curioso de se autoafirmar), disse Hildor, e completando, com mais medo ainda:

-E-então, né, as tropas de Mortozor estão bem agitadas, tendo treinamento militar as manhãs e tardes todas, isso, a manhã e tarde toda, com suas espadas, lanças e arco e flecha. Está surgindo boatos por toda nossa terra de que o Império planeja invadir e nos conquistar, não como as três cidades, que têm livre mercado e pagam tributos ao Império, mas como escravos, eu disse, como escravos! Há tamanho absurdo maior que esse? Com esses impostos aumentados, isso só confirma mais ainda esse boato. Estamos em perigo, amigo, somos poucos diante o Império... Se ao menos as guildas dos comerciantes tivessem algum poder contra isso... se ao menos... espera.

Deu um gole em seu chopp para finalizar a fala, tremendo a sua caneca:

-Eles têm poder sim, têm sim! Basta um bom boicote e... ai meu Yama, eu só vejo guerra em tudo que vem!

Heriberto aterrorizado, mas manso e calmo na fala, disse:

- Calma lá amigo, as coisas vão se organizar, se for pela diligência e resistência de nosso povo, tudo vai dar certo, podemos ficar abrigados por meses a fio na montanha sagrada de Anterrão, se soubemos tudo de antemão, o cerco deles será em vão! Nós, da nossa caravana, partiremos de cá para lá, afim de comercializar tecidos comprados aqui, talvez você poderia se juntar a nós e fazer parte de nosso camburão. Vou tecer essas palavras para a minha capitã, Aurora.

Heriberto, foi até o quarto de Aurora, cambaleando de bêbado, onde ela estava treinando a sua arte marcial de esgrima. Ao abrir a porta sem bater, Heriberto olhou para baixo de seu narigão e viu uma ponta bem afiada de espada lisa na sua cara.

Aurora, lisonjeiramente:

-Heriberto! Onde estão os seus modos? Não lhe ensinaram a bater a porta? E se fosse um intruso?! Eu já teria metido a ponta na fuça dele!

Heriberto, deu um gole seco na garganta com a esgrima ainda apontada em seu narigão e disse:

Me desculpe! É que eu né.. eu.. é uma situação de emergência, é, emergência!

-Mas que situação que é essa, indaga Aurora.

Após explicar detalhadamente a situação, Aurora precisou criar um plano de ação. Seria vantajoso irmos até lá para vendermos os tecidos e ficarmos presos durante um cerco e se meter no meio de uma guerra?

Heriberto introduziu Hildor à Aurora, ele explicou a ela o seu artefato mágico que permitia a comunicação às longas distâncias, um Celufone, que conseguira encontrar um baú soterrado cheio de celufones numa excursão para Falaeu. Funcionavam a base de luz solar. É possível vencer essa guerra. As guildas estão fartas desses impostos. Confie em alguém para convencê-las ao bloqueio comercial. E Aurora sabia exatamente quem, quem sabia literalmente das intenções dos outros, Gideon. Hildor compartilhou um do seu celufone com Gideon, acaso a fortaleza na montanha sagrada de Mortozor venha a um cerco. Eles teriam que passar por território imperial para chegar à Mortozor e lá poderiam obter algum intel. No amanhecer, partiram dali. A despedida se deu como o seguinte:

Lunia, saudosa, para Gideon, falou:

-Irei sentir sua falta! Cuide-se, por favor.

Dunia, com um abraço falou para Gideon:

-Mesmo que tenhamos nos conhecido faz pouco tempo, você é quase um irmão para mim e vamos ir conseguir seja o que há! Em breve nos encontraremos novamente.

Aurora, mais ríspida:

-Faça o seu trabalho. Seja inteligente e convença os outros da nossa causa.

Heriberto, atencioso:

-Cuide bem das suas palavras e o que for dizer, porque elas valem ouro! Estamos aqui por você e você está aqui por nós, para nos proteger em caso a situação se agrave.

Hildor explicou como utilizar o artefato mágico:

-Você clica aqui — apontando o botão — e aí é só falar que sai sua voz pelo outro aparelho, quer ver, vamos testar:

- Teste, sim, sim, teste.

E do outro aparelho se ouviu, em repetição:

- Teste, sim, sim, teste.

Viu, não é muito difícil de se utilizar, como disse Hildor. Partiremos então, e se prepare para convencer a guilda de comerciantes ao nosso favor, ao um possível boicote ao Império, ou a um tratado de paz.

Customize appearance

Sempre-verde - Capítulo 6: Bruxaria ou Ironia de seu Passado?

Compartilhar

Com eles partindo, Gideon sentiu-se despreparado e sozinho. Precisava encontrar outro alguém para lhe ajudar a convencer... Ah.. lembrou-se, do tribunal dos mercadores, lá poderia chegar a uma conclusão a respeito ao aumento dos impostos e convencer de que estão aumentando os impostos para criar um grande exército a fim de dominar Mortozor. Disso todo mundo já tinha certa noção, só não queriam aceitar os fatos. Era necessário uma ação rápida, mas o próximo tribunal só se dava daqui uma semana, pois era semanal e no dia de ontem se havia feito tal tribunal.

Foi então à bares, tomando o famoso chopp karumense importado e conhecendo e convencendo novas pessoas, enquanto o resto da caravana já estava nas portas do Império, Gideon com pôs seus óculos mágicos e viu um homem de média estatura, cabelos escuros e olhos esverdeados aproximando-se dele com um aura púrpura (Lusturia), como de alguém apaixonado. Gideon só sentia tais auras de outras mulheres em sua vila, pois era muito cobiçado por ser bonito e filho do chefe. Ele se sentiu sem jeito quando este homem lhe ofereceu um drink:

-Opa! Barman, me vê um coquetel pra esse menino aqui que parece meio perdido.

Gideon se sentiu ofendido, mas logo percebeu que era ironia, pois sabia muito bem do lugar onde estava e conversara com muitos ao respeito daquela causa, tanto que ficou conhecido no salão.

Gideon então deu uma risadinha e falou, meio envergonhado:

-Então, o que você me propõe por me pagar esse drink?

O homem misterioso apertou sua mão e passando seus dedos na mão dele falou-lhe:

-O que você me propõe por eu ter-lhe pago este drink?

Gideon, confuso:

Q-que? Como assim?

Hahaha gargalhou o homem misterioso:

-É só uma brincadeira, calma. Meu nome é Tailor, confecciono roupas e você, o que faz aqui sem companhia no bar?

Gideon, desinibido com o álcool correndo em suas veias:

-Eu estou em prol de encontrar um homem bonito assim como você.

Tailor ri:

-Hahaha! Eu estava certo mesmo.

Ele viu, por um momento, uma cor mágica em Tailor, que parecia uma cominação de amarelo, verde e roxo, que não estava nos manuais.

Gideon, surpreso e assustado ao mesmo tempo com suas palavras:

-Q-quê?! O que eu acabei de falar? Que bruxaria é essa? As palavras escaparam da minha boca!

Ah, não é nada que um pouquinho de magia que saiba resolver o que estava escondido, disse Tailor confiante e com um ar flertante:

-Você gostou do que disse? Você quer mais do que tenho a lhe oferecer?

Gideon disse, sob efeito de nenhuma magia, porém tímido:

Q-quero. Mas como isso é possível... como eu poderia nunca-

Tailor interrompeu-o com um dedo em seu lábio:

-Shhh... vamos até meu quarto no hotel para nos resolvermos melhor.

Gideon tomou o resto de seu drink numa tomada só e foi, agarrando sua mão a de Tailor.

Então, partindo para o quarto do hotel, Gideon recebeu um clique do seu celufone, uma chamada.

-Gideon, você está ouvindo? É muito importante que você ouça, estamos no portão de entrada do imperial.

Gideon respondeu, sem muito dar desculpas...

-Err.. eu estou meio ocupado agora. Me toque depois.

Tailor, interrompendo a ligação, falou:

-Tocar? A gente nem chegou nessa parte ainda, querido.

Era Lunia na chamada. Foi correndo atrás de Hildor para achar o botão de desligar.

Enfim então, os dois no quarto, às sós:

A proposta que tenho que te fazer é a seguinte, disse Tailor:

-Eu já ouvi falar de você e seus planos, sou bem influente na guilda dos mercadores, se boicotamos eles já no próximo tribunal, podem haver retaliações aqui mesmo, com impostos e força bruta mais opressivos à nossa liberdade nas três cidades. Você não vem daqui, não é? Deu de perceber pelo seu jeito desengonçado, falou ele mudando de assunto.

Gideon, respondendo as perguntas mas curioso com a proposta falou:

- Sim, eu venho de Arcansas, mas e a proposta?

Tailor, querendo conhecer mais dele e mesmo assim falando da proposta, disse:

- Ah, a proposta. O outro jeito é esperar até a guerra contra Mortozor começar e eles já estiverem movidos a suas tropas para bem longe daqui. Aí sim teremos força para secar as suas tropas de recurso. Antes do Triskelion, porém... essa guerra tem que acontecer antes ou senão eles poderão influenciar as três cidades. O jeito é instigá-los a guerrear o quanto antes e quando estiverem sem chão, cortar as rotas de recursos... e qual é o seu nome mesmo? Por isso que você estranhou um pouco mesmo eu ter me aproximado daquela forma, não é? As coisas são mais rígidas de onde você vem. Aqui tudo é mais livre, até o amor.

Gideon, sentindo-se culpado e constrangindo por não ter se apresentado antes pra um completo estranho muito estranho mesmo, mas maravilhosamente inteligente e lindo:

Sim.. são sim.. eu não sabia que dois-

Tailor interrompeu novamente, só que com um beijo na boca de Gideon.

-Gostou disso? Perguntou arduamente só que com carinho.

G-gostei.

-Isso é o que importa, disse Tailor com sua voz sedutora.

-Eu pretendo ajudar você e seus amigos e todo mundo mais que quer liberdade entre as nações, seja as de anões, quanto na terra livre do deserto, disse Tailor com grande determinação.

Gideon, surpreso e feliz com a situação, porém cético, falou-lhe:

-Mas como é que você já sabe disso tudo?

-Bem, digamos que eu tenho ouvidinhos mágicos, ouço de tudo por aí... Mas não é só isso não que é mágico, disse ele enquanto abria o ziper de sua calça.

-M-mas o que é isso? Disse Gideon olhando o volume da cueca dele e concluiu:

-Eu não estou preparado para isso, isso nunca nem me veio a mente.

-Calma. Vamos com calma então. Disse Tailor e terminou a frase:

-Já que você é novo nisso ainda, vamos continuar só nos beijando, isso você gostou, certo?

-Certo. Disse Gideon com uma leve impressão de querer mais.

Dormiram juntos de conchinha, foi uma noite bem confortante para Gideon, enquanto para eles lá na caravana, nem tanto...

Sempre-verde - Capítulo 7: Boicote ou Traição: Eis a Questão?

Compartilhar

Quando chegaram em Catalazar, um mensageiro na entrada da guarita declarou para Hildor, que estava conduzindo a cáfila, um decreto imperial que bloqueava a entrada de anões na cidade e sua saída. Os que gostariam de ir até suas cidades teriam que passar pelo o outro único caminho possível, o intrafegável pântano com gases fedorentos onde habitavam os Psilorgues, sapos meio-humanos feito por um magista enlouquecido do passado e que foram banidos para esse pântano pelo exército de Catalazar. Lá era mais tribal do que no deserto e não havia modo civilizatório de lidar com essas criaturas, segundo as instruções do império Catalazariano. Eles não tinham tempo de passar por toda Karuma, Zenica, Nelora e por fim ao pântano para chegar a capital administrativa dos anões, Mortozor. Tentaram voltar em outra noite e então esconder Hildor em um compartilhamento secreto do comboio, que mesmo que pequenos os anões, só cabia um, então teriam que fazer duas viagens para levar ambos à Mortozor. Hildor foi o escolhido pois já que sabia o que dizer aos outros anões. Heriberto tinha a missão de retornar ao Gideon.

Entraram de madrugada, já que a vigia era menor nesse horário. Esgueiraram-se como cobras pelas guaritas de guardas, que conferiram o comboio todo mas não encontraram o compartilhamento secreto. Na cidade imperial, logo de manhã, Aurora desejou fazer uma chamada ao Gideon, acordando ele e Tailor com o toque repetitivo de uma ligação:

-Oi, alô, está me ouvindo? Dessa vez você pode conversar?

Gideon, explicou a situação baixinho para Tailor:

-Vê, estamos numa missão secreta de infiltrar-se nas linhas inimigas, esse artefato mágico nos ajudará.

Aurora respondeu com sua maior rispidez:

Há mais alguém com você?! Mas como pode...

Interrompendo-a na chamada, Gideon com confiança proclamou:

-Ele é uma pessoa boa, eu confio nele; ele quer me ajudar nesse progresso que estou fazendo entre as guildas daqui.

Aurora, com um pouquinho de desconfiança e entrando direto ao assunto:

-Aham, está bem então. Enfim, os anões não estão mais sendo permitidos de saírem e nem de entrarem no Império, isso é praticamente uma declaração de guerra.

Tailor, se intrometendo na ligação entre os dois, disse:

-É disso mesmo que precisávamos! Vê, se a guerra acontecer o quanto antes, mais está ao nosso favor, pois antes do Triskelion as guildas poderiam ser influenciadas a cooptar com o Império. Eu sou bem influente entre as guildas, posso muito bem convencê-los a um boicote quando a guerra implodir.

Aurora, sendo cética:

Hmm... seu amigo — falou com um tom diferente do normal, menos ríspido— até que é espertinho, mas será que há mesmo tempo de preparo em Mortozor para resistir às tropas inimigas?

Hildor, que estava ouvindo a ligação ali escondido no camburão, bateu as portas do compartimento enraivado:

-Temos que chegar lá o quanto antes! Deixe Lunia e Dunia para trás na cidade e façam questão de induzir a guerra logo quanto chegarmos lá! Mas é claro, nós preparamos de antemão! Todos correrão para Anterrão na hora de vista das tropas inimigas. Toma, — entregou-lhe seu último celufone — e nos deixe informados e provoque o mais possível murmúrios de que essa guerra já começou pela cidade imperial.

Terminando sua fala com mais calma:

-Os anões estão sempre preparados. É só preciso um toque para que todos nós pudermos ficar meses a fio recolhidos na montanha sagrada de Anterrão, com um desfiladeiro estreito que permite a batalha com defesa em posição estratégica.

Customize appearance

Sempre-verde - Capítulo 8: A Diversão Dura Pouco, Dura como Rocha

Compartilhar

Heriberto, sem contato e sozinho, chegou em Zenica com poucos cordões lhe sobrando. Os gêmeos tinham um truque na manga para causar mais comoção. Eles já andaram com um circo e possuíam máscaras e fantoches. Eles fizeram um teatro com esses papéis na praça, para não serem reconhecidos e essa ideia deu mais do que certo, Lunia vazia o papel de vítima, um anão; e Dunia de conquistador, um soldado imperial. Rendeu boas risadas e boas exclamações do povo para que a guerra acontecesse logo. O intel necessário já havia sido passado para Aurora, que já estava entre os anões:

-Está dando certo inquietar a população num revanchismo, — porque há 52 anos atrás o Império perdeu fracassadamente uma guerra na tentativa de conquista de uma das cidades de Mortozor, a Coinalá, que é rica em mineral de ouro; e foram brutalmente humilhados com a derrota — já, já o mensageiro oficial declara guerra entre os meios de comunicação oficiais. Disse Dunia com proeminência.

Aurora respondeu, com certa resplandecência:

Ah! Que bom que tudo está ocorrendo conforme o planejado. Gideon, embora tenha demorado para me atender pois estava *distraído*, me confirmou que tudo está certo lá também, as guildas só estão esperando o momento certo do boicote.

O que Aurora e muito menos Gideon esperava, que o homem o qual ele estava amando, acabara de encomendar que fossem feitos 100 celufones, cujo gastou grande parte de sua fortuna, pois mexer com magia é caro. Ele tinha desejos subversivos com esse montão de celufones, tudo pelo dinheiro, nada pelo amor. Gideon era só mais uma de suas vítimas, infelizmente e uma das boas. Tailor acumulou sua riqueza dessa forma, recriando artefatos mágicos e vendendo tecido para fazer parte da socialite de Zenica. Pra quem estaria encomendado já está mais do que óbvio, para os generais de Catalazar e suas tropas. Tailor foi um traíra, mas Gideon ainda confiava nele pois de nada sabia de suas estratagemas.

Heriberto estava perdido em Zenica à procura de Gideon, que estava bem famoso na cidade. Procurava pela mansão que ele estava residindo, de Tailor Jacktrade, cujo estava tentando obter passagem, no porteiro em frente a mansão.

-Oi, oi, estou aqui em procura de um amigo, Gideon, ouviste falar dele, ein, de meu amigo?

Sim, — respondeu o porteiro— ele está banhando-se junto ao Tailor na sua piscina.

Poderia chamá-lo, chamar o meu amigo para mim, por favorzinho? Disse o anão em clemência e passando fome.

-Ok, irei ver com o mestre.

E lá se foi o porteiro, enquanto Heriberto aguardara na frente da mansão. Tailor e Gideon estavam aproveitando a piscina tomando bons drinks dentro d'água quando chegou o porteiro avisando:

-Tem um anão em frente a portaria, que se chama Heriberto, diz ser amigo de Gideon, mestre Tailor.

Oras pois! Convide-o para um café da tarde, já colocaremos um traje mais adequado, disse Tailor seguindo com um beijo na boca molhada de Gideon, que acabara de sair de um mergulho ao seu lado.

-Prometa-me não fazer isso na frente dele, por favor, disse Gideon envergonhado.

Eles secaram-se e colocaram togas coloridas, Tailor vestia uma laranja e Gideon uma amarelada. Heriberto chegou até o gazebo onde estava servida a mesa com uvas, melão, petiscos de carne e variados queijos, café e chá. Gideon respondeu com orgulho na chegada de Heriberto:

-Oi, e achavas que eu estava na pior, não é? Graças a esse *amigo* que fiz, tive uma certa *diversão* que antes nunca tive, terminou a frase com ênfase.

-Eu que estava na pior! Passei fome e mal bocados, ainda bem que você sabe como receber um bom amigo, não é mesmo, ainda bem que sabe! Disse Heriberto Workard enquanto devorava quase todo os petiscos.

Você também vai gostar

-Então, meu amigo, como estão as coisas por aqui? Ele falou já se sentindo melhor de pança cheia.

-Pois então, eu e Tailor só estamos esperando o aviso para dar o boicote às tropas catalazarianas.

-Secaremos de recursos assim que necessário. Enquanto isso podemos aproveitar das maravilhas que ele têm a nos oferecer. Hahaha, nunca me senti mais tão bem e livre quanto agora. Disse Gideon com leveza e amor no coração.

-Enfim, vocês como hóspedes deverão seguir certas regras para poderem estar aqui em minha companhia, nunca vão até a sala 9 e o toque de recolher é às 23:00 horas. Disse Tailor confidente.

Gideon já ficara com certa curiosidade de ir até lá, pois com seu óculos mágico viu o intento de que Tailor tinha algo muito importante a esconder (Occultra, um marrom cinzento). Mas deixou passar. Certos celufones já estavam sendo distribuídos entre generais de Catalazar, além de Tailor ter repassado todo o intel que recolheu estando junto a Gideon. O plano não iria mais dar certo, mas eles, da caravana de Aurora Nitelide, não sabia das mudanças de ação. Esperaram as tropas atacarem, mas nunca chegava o momento. Dunia e Lunia não via mais toda a comoção e revanchismo entre as pessoas nos espaços públicos, saiu no jornal a seguinte manchete: Guerra Contra Anões Postergada. Dunia ligou para Aurora em apuros, contando da situação:

-Aurora, as tropas não atacarão, repito, não irão atacar! Eles estão esperando o Triskelion para atingir as guildas mercantis das três cidades... eu não sei como isso foi possível, como nosso esforço foi em vão. Ele disse desesperado com o futuro e despeçado embora suas tentativas.

-Como isso foi acontecer? Indagou Aurora. Só pode ter acontecido caso... caso.. alguém tivesse vazado as informações, de que atacar o quanto antes seria benéfico aos anões.

Aurora se torceu em seus pensamentos e a resposta estava clara, era Tailor quem tivera feito tal ato! Ele acompanhou Gideon e fez uso de seu amor para o seu próprio bem egoísta.

Desligou a ligação e suspeitou de Gideon na ligação feita para ele:

-Alô? Tais aí? Tu não vê nada de suspeito na situação onde você se encontrou?! As tropas não irão mais marchar até Mortozor, a guerra está postergada.

-Err.. tem uma coisa que eu suspeito, Tailor me deu a regra de não entrar no quarto nº 9.

Heriberto se intrometendo na ligação disse o seguinte:

-Sim, sim, tem essa regra estranha, podemos andar por tudo nessa mansão, menos ir para esse quarto. O toque de recolher é as onze horas, sim, as onze. Was por algum motivo Gideon dorme com Tailor... disse o anão confuso sem saber muito bem das coisas quando o resto já tinha percebido o que os dois eram.

-Então faça o seguinte e burle essa regra! Was primeiro precisamos de um plano. Há tubos de ventilação nesta casa?

-Sim, sim disse Heriberto e eu caibo muito bem nelas, muito bem!

-Certo então, faça um mapa até lá e consiga ver o que há dentro dessa sala.

-Shh.. faça silêncio agora, Tailor foi atrás de uns drinks e já está chegando. Ele adora nós ver bêbados, não sei o motivo, não sei. (Deve ser para falarmos mais, pensou Gideon).

-Tá ok, disse Aurora enfadonhamente.

Quando Tailor chegou, Gideon olhou seriamente em sua face e lhe perguntou:

-O que há na sala 9? Estou há 5 dias hospedados aqui e isso não me foge a curiosidade.

-Então... lá é só uma sala de gerador de magia, para manter as luzes acessas à noite, viu que minha casa é exuberante como as estrelas? Disse num tom charmoso e enganador: lá é perigoso, você pode acabar sendo contaminado pela magia de lá.

-Humm... tudo bem então, era só pra matar minha curiosidade mesmo; disse Gideon vestindo seus óculos mágicos e descobrindo que a história era uma farsa, viu a cor da mentira, rosa choque (Liebyme)

Enquanto isso, Aurora e Hildor buscava juntar-se à Dunia e Lunia como se deu no seguinte diálogo pelo celufones:

-Acho melhor nos reagruparmos, gêmeos. Não há muito o que esperar se não tem o que esperar; disse Aurora ansiosamente.

Certo, busque-nos na praça quinze e mantenha Hildor escondido só por precaução.

Chegando lá, os irmãos se ajuntaram novamente ao comboio e foi decidido que partiriam para Zenica, se reencontrar com Heriberto e Gideon. Demoraram alguns dias até chegar em Karuma, cidade que no verão tem preços baixos no trigo, compraram mantimentos e rações para os animais que pouco restara. De lá, a cidade mais próxima do império, não se ouvia nenhuma reclamação quanto ao aumento dos impostos das estradas construídas e guaritadas pelo Império.

Customize appearance

Sempre-verde - Capítulo 9: A Traição foi só um Empréstimo

Compartilhar

Mesmo que Gideon disse ter dado certo na tribuna dos mercadores, a verdade era que todo mundo estava com medo de boicotar o Império em caso de um revidamento, pois a guerra em Mortozor nem havia começado. Aurora ainda se questionava o que fez o jogo virar dessa forma... mas já estava prestes a descobrir: Heriberto se enfiou entre os ductos de ventilação e viu pela fresta de um, um jovem montando e aparelhando celufones novinhos em folha. Dali desse achado, já sabia quem deveria ser chamado. Voltou para o seu quarto individual e celufonou para Aurora:

-Aurora, Aurora Nitelide! Eu descobri a causa de tudo, de tudo ter dado errado assim, eu descobri! Exclamou em êxito porém com desespero. E completou:

-Tailor estava magiafaturando celufones esse tempo todo! O que ele fez com eles eu não sei... mas você deve ter alguma ideia.

Aurora boquiaberta deixou seu aparelho celufone cair no chão, mas logo se recompôs, pegou do chão com um dígito 9 quebrado e disse:

-Precisamos de um novo plano de ação. Ele provavelmente comercializou os aparelhos para líderes e generais do Império. E ainda por cima enganou Gideon que estava apaixonado por ele para distribuir as informações que nós tínhamos... Que droga. Ele ficará arrasado. Pensando com carinho ao Gideon, com quem tanto preza; ela disse, em reza:

-Eu espero que ele não se sinta muito abalado, pelo amor de Feis! Tranquilize a mente desse rapaz!

-N-não devemos contar isso a ele, então?

-Não até o momento certo. Não até eu planejar outro plano de ação, no fim, fique aí esperando nós como se nada tivesse ocorrido e não diga nada sobre isso a Gideon.

De Karuma à Zenica, demorou cinco dias de viagem, mas houve um empecilho no meio: tropas de Catalazar vasculhando os comboios e cobrando as taxas altíssimas para quem quer viajar sobre suas estradas em segurança, dessa vez o aumento era pra seis cordões e o três pagaram o imposto. Quando chegaram lá, foram confiscados novamente e encontraram o aparelho celufone com Aurora. O miliciano perguntou:

-Onde é que você conseguiu isso? É de uso exclusivo dos agentes imperiais!

Aurora, astuta e com rapidez respondeu:

-Eu consegui do distribuidor, oras, Tailor Jacktrade. Sou uma agente do império infiltrada para controlar as guildas mercantis enviada para Zenica.

Hildor estava no compartilhamento secreto e não deu um pio. O soldado acreditou fielmente nessa mentira e os deixou passar. E seguiram a dentro dos portões de Zenica. O próximo passo era encontrar um plano de ação, pois Aurora já estava desencantada com as ações do Império e o Triskelion estava perto. Pensou ir atrás de Heriberto e Gideon, mas de nada isso faria efeito contrapondo os lados negativos de contar a verdade a Gideon. Deixe-o aproveitar essas "férias", comento ela com Hildor, Dunia e Lunia. É preciso estarmos preparados para o Triskelion, talvez até desistir de combater essa guerra... pensou Aurora deprimidamente.

Mas no caso, Heriberto bêbado, sendo um bom boca aberta, contou tudo para Gideon quando estavam às sós no soalheiro, pondo tudo sob o Sol, Deus da verdade absoluta:

-Gideon, primeiro *gulp* quero lhe pedir desculpas, desculpas mesmo, dizendo bêbado e soluçando:

-Estão sendo magiafaturados celufones por um funcionário de Tailor no quarto 9, estão sendo! Aurorinha querida me pediu pra guardar segredo, mas eu não aguentei, tive que dizer a verdade como qualquer bom anão! *gulp* Eu não quero te ver mal por ele ter te traído não, não quero não, mas se isso for inevitável, saiba que tens um ombro amigo aqui do lado, saiba muito bem disso, meu amigo.

Gideon, enquanto ouvia não expressava reação alguma, mas logo chegou a chorar em prantos:

-M-mas por quê? Por que eu? Logo eu que disse para ele não fazer exatamente isso! Exaltou com raiva entre choros.

-Eu preciso confrontá-lo, diabos! Aurora até parou de se comunicar conosco, ela já sabia disso, não sabia? Por que não me contaste antes?! Que droga! Eu não quero matá-lo, porque eu amo-o, mas sinto uma raiva endoidecida nessa calmaria de casa.

Foram até o salão de festas, ao lado da piscina, esperando por Tailor.

Tailor, chegando com mais drinks, deixou-o cair e o vidro cristalizado despedaçou no chão com a reação que Gideon lhe provocou:

-Seu filho da puta! Me traíste, desgraçado! Quero te esganar, mas não tenho gana pra se meter com quem tem grana!

Tailor, calmo e com sua sapiência:

Oras pois, sou a favor do mercado, *querido*, como você acha que virei rico? Senta aí e relaxa, va-

Interrompendo-o, falou enaltecido:

-Relaxa o caralho! Você acabou com todo nosso plano, com esses celufones magiafaturados por seu cúmplice! E ainda contou comigo para ser seu amor. Eu lhe disse que isso era uma péssima ideia!

Tailor, com tom de deboche:

-Amore, você não é o primeiro que engano dessa forma. Afinal, eles pagam mais mesmo. E podem já se retirar do meu lar, por favor, ou eu chamarei os guardas.

Saindo de lá dividido, com o coração partido, Gideon e Heriberto preocupado com a saúde mental de Gideon, perguntou:

-Está tudo bem amigo. Ele foi só o seu primeiro amor — finalmente entendendo a situação — , haverão outros e você ainda tem muito o que dar ao próximo. Eu lhe disse que serei seu ombro amigo e serei, pode confiar em mim, pode confiar nesse anãozinho que te ama também. A nossa vida é uma luta sem fim, mas temos que lutar e ser mais forte conforme às adversidades aumentam.

E completando preocupado com a situação de guerra e sabiamente dizendo:

-Não só para você, mas também para os meus compadres em Mortozor, devemos lutar essa guerra de outra forma agora! Resistindo, crescendo e se informando melhor do que o Império. Aurora e outros irá se encontrar conosco e iremos partir para um plano de ação, ok? Tudo bem? Então relaxa mesmo, não pelo que Tailor lhe disse, mas relaxa pelo o que virá a ser.

-Tudo bem amigo, foi a primeira vez que eu me encontrei, não irei seguir mais caminho contrário como meu pai imaginava me ver, irei seguir o que meu coração manda. E sobre isso, resolveremos assim que ela chegar.

Aurora fez uma ligação e Heriberto atendeu:

-Oi, tudo certo aí?

-Bem, mais ou menos... eu contei da situação para Gideon, que está aqui do meu lado, estamos perto da Rua XIX, esperando por vocês.

-Minha nossa, e ele está bem? Disse Aurora saindo de sua frieza e vindo com seu carinho por Gideon.

-Ele está sim, até que está. Disse Heriberto e Gideon se magictando na chamada:

-Sim, estou ótimo! Estou com vontade de fazer tudo! Nada mais me abala! Encontre logo conosco e vamos reunir e montar um plano de ação. Disse em euforia após a tempestade. Calmaria virá para eles, ou será que o jogo virou?

Reunidos, o camburão imaginaram um plano de ação. Dunia foi esperto e sugeriu:

-Se eles estão distribuindo celufones para os agentes do império, vamos produzir nossos próprios celufones e distribuir para todos! E assim incitar uma rebelião das cidades, comunicando-se com todos os cidadãos livres. Eles ainda estão emputecidos pela alta dos impostos, assim como nós. Só que há medo geral, mas não haverá medo quando houver comunicação.

Lunia, refutando seu irmão:

-O problema será encontrar alguém para magiafaturar tantos celufones assim.

Hildor, que já andou por todo continente, conhece um monte de gente, de enmagiaria reversa e empréstimos para obter o saldo necessário para os gastos materiais; ele disse:

-Eu sei bem onde podemos fazer isso, vamos até Karuma, tenho um companheiro anão que consegue fazer enmagiaria reversa até de um Planão (um veículo voador, ele foi o primeiro anão a reviver essa tecnologia de Pheegs)! Lá também tenho contatos para fazer empréstimo de confiança, com anões naturalizados karumenses amigos meus, sim, meus amigos.

Aurora, encerrando a chuva de ideias, partiu para a ação:

-Então vamos, meus amigos e mais novo integrante da caravana, Hildor, até Karuma e fazermos isso. Será uma corrida contra o tempo, realizar isso antes do Triskelion.

Customize appearance

Sempre-verde - Capítulo 10: Guerra de Informação: celufone é a causa mal ou não?

Compartilhar

A viagem foi tranquila, andaram por pistas não manejadas pelos soldados do império, o que atrasou um pouco a viagem, em caminhos pedrejosos, mas ocorreu sem problemas. Chegando lá, Hildor já foi se adiantando pedindo empréstimos de seus amigos e Heriberto se encontrando com Stopedro Hailmetal, o famosíssimo recriador de um planão. Chegando lá, ele já conhecia a tecnomagia do celufone:

-Oras, te apresento isso meu caro, consegues reproduzi-los em massa?

-Mas é claro, eu já até tenho o meu próprio. Sei como magiafaturá-los sem problema algum. O problema são os cordões, amiguinho.

-Mas isso não será um problema, amigão. Disse Heriberto apresentando o cheque de empréstimo dos amigos de Hildor.

-Quantos você consegue reproduzir por dia, perguntou Heriberto, curioso com a magiafaturação.

Pagando bem e tendo os materiais disponíveis, uns 12-14 por dias.

-Certo. O pagamento virá e iremos atrás de todos os materiais possíveis para você, o que você precisar é só chamar.

-Não me falta nada, já tenho estoque suficiente de materiais para construção de até 2000 mil celufones. Irei fazê-los em tamanho reduzido, para economizar.

Aurora, intervindo a conversação, falou o seguinte:

-Com esses 10 celufones, venderemos 9 e 1 para outrem magiafaturar, é só passar a técnica, para aumentarmos a nossa comercialização. Dunia e Lunia farão esse trabalho, lhe darei cordões para Lunia ir até Zenica e Dunia até Nelora e procurar alguém para fazer essa função.

Com as ordens dadas, ambos tomaram um Busãobus, um veículo compartilhado, para chegarem até seus destinos. O trabalho de Gideon era comercializar esses produtos em massa para a população das três cidades, fazendo atendimento à distância com os distribuidores que encontraram e levando os produtos pelo serviço de Correria. Era uma corrida contra o tempo, mas ainda havia tempo o suficiente de comercializar os produtos para manter a população informada em tempo real, antes que o Triskelion se iniciar. Aurora pôs em cada um desses celufones um canal único, no qual todos poderiam ouvir no momento que fosse acionada a magia.

Passando o tempo comercializando os celufones, Gideon tinha até se esquecido da presença de Tailor Jacktrade no tribunal, e viu em intenções de seus óculos mágicos que as pessoas presentes no local desejariam o bem dele. Nos tribunais, ele deixou bem claro que estava comercializando os celufones como um resguarda contra o Império de Catalazar. No início, as guardas estavam confiscando os aparelhos, mas dada a força da população das cidades, no tribunal foi julgado um inquérito contra essa distribuição que Tailor fazia, perdeu arduamente o monopólio, com argumentos de que essa magia deveria ser livre para todos e que os agentes imperiais não possuíam direito de confiscar. Outros se interessaram e começaram a produzir seus próprios modelos de celufones, que não havia a magia de Aurora, mas a disseminação de informação ainda era em massa e só foi vantajoso para o mercado a baixa de preços para que classes mais baixas pudessem ter seu próprio celufone. Aurora acionou a magia, comemorando:

-Já alcançamos 1000 vendas de nosso modelo celufonar e ainda temos muito mais a oferecer antes do Triskelion e durante o evento! Obrigado a todos por confiar em nossa capacidade de lhe oferecerem os melhores produtos.

Faltava apenas uma quinzena para o evento se edificar no deserto de Falaeu e as compras iam que nem como a água que fluía do rio de Floanora. O Império nem Tailor haviam imaginado esse imprevisto, e pelas águas da situação, não sabiam o que iria ocorrer durante da votação anual e mas sim qual seria o tema previsto. Cidadãos imperiais queriam a guerra contra Wortozor, já os cidadãos livres queriam paz entre as nações. Aurora tinha sua carta na manga, mas não previra que Tailor fosse tão influente assim em Zenica.

Na tribuna de Zenica, Tailor estava convencendo a população de que essa magia era alienadora, pois transmitia informações falsas e que afastaria as famílias. Que a guerra contra os anões e sua escravização seria benéfica para as cidades livres, pois, segundo ele, nem são gente, são meio-gente. Disse ele negligente na tribuna:

-Eles são seres inferiores e merecem ser tratados como tal, afinal, os pobres virarão ricos com uma mão de obra escrava. Haverá comércio de anões para serem servos de vocês, cidadãos livres que possuem seu direito por serem o que são, não anões.

Aurora acionou a magia e ligando-se a todos aparelhos de Zenica:

-Ele não passa de um fanfarrão, esse tal de Tailor. Com os anões perdendo seus direitos, os próximos serão vocês, se tornarão só outra parte do Império! Disse com comoção partindo de seu coração bravo e resistente.

Faltava três dias antes do festival se realizar nessas declarações. O tema previsto era óbvio, Guerra contra Mortozor contra o Império. O camburão todo se ajuntou e concluíram que venderam 1984 celufones produzidos por eles e 451 por outrem, de outros modelos. Ficaram bem ricos, com mais de 55 mil cordões, já pagos os empréstimos. Poderiam muito bem já canalizar Floanora, só faltara a mão de obra.

Já estavam se locomovendo ao deserto logo segundo dia antes do começo oficial do Triskelion, a fim de chegar a tempo e montar suas preparações. Chegando lá, montaram seus estandes vendendo celufones a um preço mínimo, abaixo da concorrência, 20 cordões.

Começando os anúncios do Triskelion, o rio mudara de curso no qual ficou flutando bem ao lado do palanque oficial construído para as declarações e percursos do ano.

-Como todos já sabem, a guerra de Mortozor foi adiada, disse um mensageiro do imperador, que não aparecia em público por razões de segurança. Mas será nesse Triskelion que será anunciada, com a democracia promovida por esse evento. Dois votos do Império de Catalazar e três de cada uma das três cidades livres. Houve murmuração entre a multidão, preocupadas com a situação de guerra e outros orgulhosos por se sentirem melhores que os anões. Até as aldeias do deserto se encontraram interagindo no evento que seguira. A votação seria dada no terceiro dia, até lá, muito argumentação e provocação era necessário para comover a guerra ou não. Enfim, Aurora acionou sua magia de celufone:

-Saiba que nós estamos a favor de paz, pois apesar das diferenças, somos herdeiros de uma mesma terra desde a calamidade de Pheops. Nossa ambição é recuperar toda a tecnomagia perdida desde então. Essa tecnomagia só foi possível ser desenvolvida para vocês graças três anões, Heriberto, Stopedro e Hildor. E os protegeremos a todos custos.

Tailor, que obteve a permissão de subir ao palanque oficial, disse o seguinte, no grande-fone:

-Eles poderão trabalhar sem custos algum para nós, cidadãos livres! Isso aumentará nossas riquezas, nossas fortunas e abaixar os custeios mágicos. Gideon, sem permissão, alcançou o palanque e arrancou o grande-fone de sua mão e disse para o povo todo, olhando para ele e o acusando-o:

-Seu canalha! Você roubou meu celufone e o reproduziu para distribuir entre os oficiais do Império! Canalha! Traidor!

Logo os seguranças os agarraram, mas o recado estava dado.

Havia ainda mais 500 celufones a serem comercializados, no final no segundo dia, já foram vendidos 342.

No final do Triskelion, momento onde se daria a votação ao tema da guerra imperial contra Mortozor, se deu o seguinte valor: 3x2 a favor da guerra. Tailor conseguira convencer a tribuna de Zenica votar a favor, coisa que Aurora não esperava.Nem Gideon, devido seus esforços de paz. A guerra começava no mês seguinte, mas todo mundo já estava ansioso. Barradas as entradas e saídas de anões ao Império, o que restava era passar pelo pântano tóxico para chegar a Anterrão a tempo de comover a população a resistir a um cerco. Os restantes de celufones seriam distribuídos gratuitamente a generais de Wortozor e suas tropas.

Sempre-verde - Capítulo 11: Cerco, Acerco Eu Perco, de Longe me Retiro em Tiros

Compartilhar

A caravana passando pelo pântano de tóxico eram só os gases nocivos que emitiam do brejo, porque a população local, os Psilorgues não eram agressivos, só olhavam com certa curiosidade um veículo de quatro rodas passando por aquele território pouco desbravado, com certo atoleiros que atrasou um pouco a chegada em Anterrão, a Montanha Sagrada dos Anões. Chegando lá dois dias antes da guerra começar oficialmente e o Império começar a mobilizar as suas tropas, eram os primeiros a ter da mensagem do Triskelion, desde então o trabalho foi como uma blitzkrieg, mandando mensageiros para todas as vilas, cidades e aldeias de Mortozor se agruparem dentro da montanha e lá organizar uma resistência equiparada a uma tartaruga dentro de seu casco. Com as tropas equipadas e salvas pela montanha, dessa luta os anões tinham fé. Aurora e Gideon estavam sob controle das mensagens dos celufones programagiados para escutar seus avisos.

Praticamente toda a população mortozolense já estava dentro de Anterrão quando um escolteiro avistou primeiramente o avanço das tropas imperiais. Eram mais de 8 mil soldados, arrendondando o número para baixo. Passavam por cidades vazias e as pilhavam, botavam fogo em tudo que viam. Caso viesse um embate direto, pereceriam, pois suas forças eram muito superiores às dos anões. Todas as aldeias e cidades foram destruídas pela malícia imperial. Mas a população anã estava resguardado em sua sagrada montanha, Yama, mas uma hora a hora do combate ia a vir: eles estavam equipados com esgiraguardas, armas de longa distância de difícil contestação. A entrada para a montanha era um desfiladeiro curto como um pavio e estreito, com a largura da caravana de Aurora. O que era um terreno mais do que estratégico para ser defendido de um cerco com armas à longas distâncias.

Quando os soldados, equipados com espadas, viam entre esse caminho, era declarado seu fim. Um disparo e a fileira da frente abaixava, recarregava sua esgiraguarda e a fileira de trás disparava. Assim levava ao caixão todos os quatro enfileirados e os outro quatro de trás, sem saída porque seu general só ordenava que seguissem em frente. Assim foi o combate durante uma hora, com Gideon comandando seus 300 soldados que seguiram sem serem feridos e o comandante de Catalazar perdera ¼ de suas forças. Ficou um amontoado de corpos, não permitindo o avanço de ninguém. Jogaram então, algumas forças anãs que estavam no topo do desfiladeiro, rochedos alavancados para esmagar os soldados abaixo. Esmagou pelo menos uns 100, que ficaram já enterrados sobre pedras. Eram os seus túmulos. Por causa disso, o comandante comandante catalazarense recuara e ficara sob posição mais elevada, atrás do desfiladeiro, deixando-os em cerco, mas sem perigo de serem pegos às cegas.

Dentro da montanha, os anões estavam mais do que preparados para o bloqueio, com comida e bebida para mais de seis meses.

Por dentro, comemoravam com bebidas como bons anões, não se deixam levar por momentos de lutas e prantos, e sim de conversa jogada fora, falando sobre os bons tempos e esquecendo-se do que o ocorria, e esquecendo-se também de lástimas passadas. Lá Aurora depositou todo os seus 55 mil cordões que estavam pesando demais a caravana que tanto se atolava no pantanal, no banco mais protegido mortozolense, ali dentro da montanha. O cerco durava e as tropas inimigas se viam desgastadas, além de que, Aurora comunicava pelo celufones acionando sua magia:

-A guerra está sendo uma vitória! Estamos sofrendo bloqueio das rotas, mas ganhamos a batalha e venceremos a guerra inimiga com a exaustão deles! Seria gratificante se vocês, cidadãos livres que desejam o fim dos impostos elevados, boicotassem as vendas e compras imperiais, revoltassem e botassem pressão para que essa guerra em vão teja um fim! E adendo Gideon:

-Iremos manobrá-los melhor do que fui enganado, seus generais possuem também celufones, mas não conseguem se comunicar com todos ao mesmo tempo. Eles permanecem acuados diante nosso poder de fogo, temendo nossas armas mágicas, eles que vieram às espadas e escudos eram nada devido à tecnomagia anã.

Dado os recados, Gideon e Dunia planejavam fazer os canais em Floanora e reconstruir um império mais poderoso que de Catalazar, um império para todos e um império livre, de cidades-estados. Já obtiveram as riquezas necessárias, e é claro que os anões gostariam de fazer parte de um novo lar logo após os deles estando em destroços.

Durante uma noite, foi ordenado que 15 bons anões passando por cima da pilha de corpos e pedras que assaltassem o acampamento militar de Catalazar e ateassem fogo, a fim de afugentarem as tropas. Nessa noite, só se via a Bem Maior no céu graças o fogaréu que subia alto, em chamas, muitos das tropas desbandaram-se nessa noite, queimando também os estoques de grãos, os cavalos foram soltos, as mulas também, mas 9 dos anões não retornaram. Foram marcados como heróis, porque dessa ação, fez o general recuar e levantar uma bandeira branca de rendição: ouviram sabendo pelo celufone que havia revoltas nas cidades livres, até mesmo em Zenica, graças a magia de Aurora. O exército foi atrás para conter essas revoltas, antes que chegassem em terreno imperial. O que não foi o caso, a revolta acabou se alastrando até as cidades imperiais, Urubaca, Desdite e Infortune, graças ao boicote de alimentação que Zenica previra, mas Tailor não foi capaz contra a população dessa vez, eles viam razão nas palavras de Aurora. A população com fome guerreava a favor de libertação das garras de Catalazar.

O exército, menos preparado que a população, deficiente devido as tropas que desertaram contra combater sua própria população e a escassez de alimentos; os generais não tinham mais controle sobre suas tropas, havendo-se ruindo a organização. Não conseguiram conter a população e os generais, cada um com seu celufone produzido por Tailor, caíram em rendição perante seus compatriotas. Poucos do que ainda lutavam viam de Catalazar, mas perderam a luta quando até mesmo o exército dessas cidades lutaram para que se houvesse uma libertação dessas três cidades, que trocaram de nome para Venturana, Ditosina, Fortune. Das seis cidades livres, só restou mesmo a capital imperial, que em devido fracasso em sua missão, não era nem mais império, só era mesmo Catalazar, a cidade mais azarada, que mesmo ateando fogo e destruindo todas as cidades e vilas de Mortolozor, não conseguiram avançar contra sua montanha sagrada, onde nasceu o Deus Yama, bem-aventurado era aquele que confia na montanha, que era tudo que restara dos anões. Enquanto de Catalazar restara só o seu legado, que foi deixado para trás, para a história contar.

Livres do cerco que durara 3 meses e do Império, Gideon, Aurora, Hildor, Heriberto, Dunia e Lunia foram tidos como heróis, recebendo condecorações da Rainha Anã, Lizabete Quarta Domingos. Em comemoração, levantaram eles ao alto e cantaram sua canção, em seresta:

-Era uma vez, um anão, sem terra, sem chão. Mas conseguimos tudo de antemão, graças à Anterrão! Yama nos protege desde então, terra preta cheia de fertilidade, abraçamos em canção: um bom anão não foge não, um bom anão trabalha como um torrão, nas fornalhas cheirando à carvão! Um bom anão luta com seu coração!

Customize appearance

Sempre-verde - Capítulo 12: Coaxar de uma Viagem

Compartilhar

Dunia, Gideon e Heriberto já estavam convencendo os anões a viverem no deserto, com muito trabalho a ser feito, uma estrada de ferro — eram como os anões se locomoviam entre as cidades, num Terem — , mas como não havia mais cidades, porém suas vias seguiam intactas, seria interessante uma estrada de ferro que ligava o túnel da montanha, passando pelo pântano, Nelora e ia até um oásis no deserto, onde as montanhas ao lado formavam uma cúpula em que a água se retinha flutuando. A fim de começar o megaprojeto que seria construir um canal que guiasse as águas do Floanora para levar toda a exorbidante quantidade de vidro sem perigo. O projeto foi posto a tona e não faltou contingência para que o plano se realizasse. Muitos dos anões quiseram participar, mais do que o necessário inclusive. Mas quanto mais, melhor. O destino de Gideon estava entreposto então, à espera. Ouvira até dizer que seu pai soubera de suas realizações e feitios. A feitiçaria era braba; não houvera quem o contrariara na realização do megaprojeto. Muitos anões estavam ansiosos em torno da sua terra prometida. Haveria muito trabalho a ser feito, coisa que um anão não negara.

Desconhecendo o pântano, muitos se questionavam se seria possível passar uma estrada de ferro para ali. Foram então mandados escoteiros para avaliar a situação do terreno e dos moradores de lá, os Psilorgues. Lunia foi junto a essa expedição e lhe fora dada um artefato de tradução, o Gogletra. Traduzia línguas automaticamente quando vestido e permitia a comunicação com esses seres mágicos. A aventura se deu da seguinte forma, quando Lunia encontrou uma dupla de psilorgues que se aproximara em curiosidade falando:

-Croak, grunk, croakeke, croakaka, kakaka

-Ops, esqueci de ativar o gogletra.

-Olá, como vão, vocês podem repetir o que disseram?

-Uai, como ela *nós entende cê*?

A tradução não era perfeita, mas também não a oralidade deles:

-O que *buscaram* vindo aqui? Aqui é *nóis* quem manda.

-Pensamos em passar uma estrada de ferro por aqui, disse Lunia com calma para entenderem bem e completou:

-E veja só: incluiria vocês na rota comercial que proponhamos fazer, é uma situação boa para os dois lados.

Do outro lado, a feminina psilorgue respondeu:

-Proponhamos, que *sapacho* é isso? Por que uma "rota comercial" iria nos trazer qualquer coisa boa? Estrada de quê, só? Só conheço a de chão, a que *nóis* pisa.

Lunia, não sendo muito paciente em explicar para ignorantes, perguntou o seguinte:

-Existe algum ancião ou chefe de tribo com quem poderíamos conversar? Disse ela simplesmente e a resposta foi bem amistosa: convidou a expedição a visitar a tribo.

-*Mar* é claro! Vamos até a cabana do mestre Procroak.

Lá, seguido o caminho meio fedido — meio era eufemismo, fedia a ovo podre e lavagem de porco estragado — com o cheiro de enxofre que o pântano soava, tiveram que pegar uma canoa, pois tinham que seguir o curso de um riacho no brejo. Dessa vez só Lunia e uma companhia da expedição foram permitidos irem adiante, os outros esperavam atrás, ansiosamente.

Chegando lá, a cabana do tal velho ancião era um bangalô, elevado sobre o rio com pedaços de tora de salgueiro, árvore local. Tiveram que subir por uma corda, que ficou bem escorregadia depois que o casal de psilorgue subiram. Lunia ficou com um pouco de nojo da gosma e esfregou sua mão na roupa de seu companheiro. Ali em cima, se deram vista de um psilorgue todo manchado com cores amarelas e em tornos das manchas ciano, numa pele bem reluzente, brilhante e até encantadora; sentado de pernas cruzadas. De maneira rudimentar, ofereceu a Lunia e ao outro despacho um suco vegetal feito com videiras e raízes combinadas para fornecer uma experiência única. O suco é chamado segundo os indígenas psilorgues de Santa R'ecebes ou Arraiaruaasco.

-Primeiro *croak* experimentem nossa magia, depois ouviremos o que vocês tem a dizer.

Passaram seis horas, os outros da expedição estavam preocupadíssimos, mas Lunia se via em outro mundo. O seu companheiro não resistiu, vomitou tudo o suco vegetal e ficou ali assegurando a ela de que tudo estava certo. Enquanto não conseguira compreender o mestre, já que o vestido era literalmente um vestido e ele não ia despi-la e deixá-la nua para demandar explicações ao Procroak. Lunia viajara séculos, luz e o ambiente se tornara tudo mais vivido, muito mais do que a majória no qual ela estava acostumada. Teve visões ancestrais, se sentindo unida ao universo e detentora de toda magia, de todo conhecimento... mas isso passou logo depois que veio a tona a sobriedade. Procroak, reagiu com o entusiasmo de Lunia esplendidamente, ficou favorável a ouvi-la depois da *viagem*.

-Então, senhor Procroak, porra, esse bagulho é forte mesmo, disse ela sem medir suas palavras. A reação do velho foi de risada. Continuando após ter dado uma tossida, ela falou:

-Você conhece os anões? Nos tempos passados vocês eram mais próximos, — disse magicamente sem saber sobre isso — não eram?

-Sim, sim, claro. Até peguei o hábito deles de reafirmar o que eu digo, hahaha! Claro que conheço, o que tens de notícias deles? É que antigamente a magia era mais disponível, aquele tal Império lazarento começou a controlar diversos tipos de magia, essa mesmo que você usa por exemplo, já me comuniquei com diversos anões, sim, diversos. Brincadeira, irei parar de repetir as frases, isso é o que tem de mais chato deles, isso sim.

-Então o senhor conhece sobre estradas de ferro para um Terem?

-Ah... boas viagens que tive de Terem com minha falecida esposa, doutora Kawakun. A gente vivia melhorando a saúde das pessoas com magia em nossas viagens. Andando de cidade e vila, aldeia, anões, conhecendo e cuidando, receitando ervas medicinais... Era uma maravilha a companhia de minha esposa e de nossas aventuras juntos por aí. Disse Procroak em tom saudoso.

Lunia, indo direto ao assunto, respondeu:

-Então, senhor Procroak, respeitosamente, gostaríamos de passar uma estrada de ferro por essa região pantanosa e precisamos saber se você nos autorizaria a isso. Precisamos também saber qual terreno seria mais trafegável por esse pântano.

Ele respondeu, amadurecidamente:

-Não é de mim que você precisa de autorização, de mim você já tem, mas sim do pessoal do pântano, desde que respeitarem a nossa cultura local, tudo bem; aqui não trabalhamos com um poder centralizado, mas posso fazer de tudo para convencê-los. Seria um prazer ver novas magias e pessoas trafegando por essas áreas novamente, por causa do Império de Catalazar, fomos menosprezados, isolados.

Lunia com muita alegria, disse:

-O império não é mais. Fora destruído, juntos com todas as cidades dos anões, exceto sua montanha sagrada. Eles estão em êxodo procurando por nova terra agora e alguns pensam em reconstruir suas cidades, mas a maioria está a favor de nóis. E a construção dessa estrada garante isso. Toma esse celufone, uma magia para podermos nos comunicarmos em longas distâncias. Espero que você passe a palavra adiante, porque precisamos adiantar esse projeto o quanto antes.

-Que maravilha a sua presença, ouvir isso de você é deleite para meus ouvidos. Vou fazer com que os psilorgues da região saibam dessas notícias. E o terreno, eu já sei onde vocês podem ir, — apontando num mapa do pântano em sua cabana — logo mais ao sul, próximo a praia.

Se despedindo e agradecendo pelo suco vegetal, os dois pegaram a canoa e seguiram adiante para se encontrarem com os outros expedicionários. Montaram uma fogueira e entenderam redes para passar a noite. Ouviram coaxares à noite e acordaram assustados. Pelo visto os psilorgues não gostam de fogo. Lunia cuidadosamente se comunicou com eles:

-Oi, alguém aí, há algo que os preocupam?

-Ih, ela entende o que *nóis fala*.

-Sim, entendo muito bem, sou fluente em seu coaxar.

-Nós não *gostar* de chamas! Apague logo, incomoda nossa intimidade!

Lunia apagou as chamas e nem fazia ideia de que intimidades eles estavam falando. Era melhor nem saber mesmo. Passaram a noite sendo picados por mosquitos sugando seu precioso sangue. De manhã, todo mundo com comichão pelo corpo inteiro. Lunia preparava para viajar até o sul, onde seria posto a estrada de ferro, num terreno mais do tipo planície e não tão pantanoso.

Sempre-verde - Capítulo 13: Triskelion Dupla; Saudação ao Mesmo

Compartilhar

Enquanto isso, Heriberto e Hildor já preparam as fornalhas para fabricação de longos canais de vidro, com o dinheiro depositado no banco, já era o bastante para canalizar o rio todo. E ainda bem que a montanha toda era uma grande reserva de carvão, o que não faltava por lá. A areia vinha das praias vistosas de lá, só que a subida íngreme era de grande trabalho para transportar, quando for feito as ferrovias até o deserto, será mais fácil transportar areia de lá. Dunia e Gideon viajaram até Nelora, para obter permissão da construção do Terem passar por lá.

Esperaram até o dia da tribuna nelorense e nesse dia foram saudados como ídolos, famosos por terem vencido a guerra contra Catalazar e tornado assim as cidades livres, livres de tributos. Na tribuna, propuseram o seguinte, com Gideon subindo ao palanque:

-Saudosos companheiros da vitória, enfim chegou a hora, de trazermos o progresso à Nelora. Um meio de transporte anão é tudo que pedimos até então, uma construção de uma estrada de ferro para passar um Terem, pra que vocês terem o máximo benefício do comércio em larga escala.

Todos aplaudiram, em sucesso, Gideon e Dunia conseguiram obter a autorização. No oásis do deserto de Falaeu, não era preciso tal medida, já que não havia um governo ou pessoais ocupando o lugar.

Gideon disse a Dunia:

-Preciso dar um tempo. Viajar sozinho por enquanto, você pode celufonar para Aurora e dizer isso a ela? Não quero encará-la, pois ela virá com sermões e preocupada com minha ação.

Dunia respondeu:

-Certo, mas cuide-se. Você tem muita fama por aí e fama pode atrair coisas ruins.

Dunia fez a chamada a Aurora:

-Aurora, alô? Tudo bem?

-Tudo sim, está maravilhoso o banquete que me preparam aqui, junto com a Rainha.

-Então, Gideon quer viajar um tempo sozinho, me pediu para lhe avisar, qualquer coisa você liga para ele para ver se tá tudo bem.

-Aff, ele tem medo ainda de me encarar, não é? Bem que ele faz, fico preocupada com esse garoto. Mas tudo bem. Esse garoto está aprendendo a como se lidar nesse mundo.

Gideon tinha apenas 19 anos com todos esses eventos que se marcara. Podia saber a intenção das pessoas, mas não havia experiência para encarar o mundo lá fora sozinho. Decidiu visitar, logo quem o traiu, Tailor Jacktrade. Pegando um busãobus para Zenica, chegara lá em apenas três dias de viagem. Chegando em frente sua mansão, o porteiro perguntou por quem era e ele disse orgulhosamente:

Me chamo Gideon Oliver, ex-parceiro de Tailor. O porteiro apreensivo respondeu:

-Irei prontamente avisar ao chefe. Utilizando seu celufone, avisou simplesmente:

-Ele está aqui.

E avisou a Gideon que seria recebido com grande saudação.

Abrindo-se as portas, Gideon entrou e esperou no lounge até Tailor aparecer, com presentes e dito:

-Olá, olha o que tenho para você! Roupas novíssimas que confeccionei, da última moda atual de outono.

Gideon respondeu agressivamente:

-Você acha que me compra assim fácil com presentes? Eu ainda não lhe perdoei por teres me traído a confiança e trabalhado contra mim.

Tailor, calmo e suspirando disse:

-Calma, isso é só o começo. Eu sei que errei... e no fim as coisas se ajeitaram para você, não? O que aconteceu é que eu tinha fraudado os celufones entregues ao generais. Não funcionava direito, um lado ouvia e o outro não, mandava ordens erradas e desconexas, deixaram as tropas confusas.

Gideon, mais calmo porém ainda desconfiado:

-Olha, eu posso até acreditar nas tuas mentiras, mas não me enganarás novamente.

-Calma lá, eu não pretendo mentir pra você. Eu só não tive tempo para convencê-lo dessa verdade, você quando descobriu veio todo furioso e eu não tive um momento para me explicar, eu estava ao seu favor, juro. Mil desculpas, me perdoe. Disse Tailor com certo arrependimento fingido nas palavras.

Gideon coloca os seus óculos de Avir para afirmar se ele estava mentindo ou não, o que via era uma aura arrependida e arrasada, mas mentirosa. Ele resolveu aceitar a mentira como forma de reparação, porque ainda estava afim de comércios.

-Hmmm... vamos falar de coisas comerciais então, eu também estou rico, só não preciso desse luxo e dessa mansão tão quanto você.

Gideon explicou que estavam combinando canalizar o rio Floanora e passar uma estrada de ferro até lá, em breves palavras. Tailor, questionado interessadamente:

-Hmm... então quer dizer que vocês querem uma estrada de ferro em Nelora? Eu mesmo poderia conectar uma conjunção e criar uma estrada de ferro aqui em Zenica. Quiçá, no Triskelion que está próximo, poderíamos convencer as outras agora seis cidades livres a construir também uma estrada de ferro. Estando pronta a estrada em Nelora, pode contar comigo, construirei uma em Zenica com meu dinheiro sobrado.

Gideon, agora soberbo, respondeu:

Bom fazer negócios com você. Apenas negócios, o resto eu deixo pra lá. Tenho mais o que tratar. Mas pegue o meu contato de celufone. — passou-lhe a magia numérica necessária para conexão dos celufones —, irei viajar agora até Arcansas, lugar onde nasci. Nos encontraremos em breve, no Triskelion.

Era um pouco difícil viajar até lá, pois era uma vila nômade, Gideon não fazia ideia de onde estavam, mas sabia que acompanhavam o fluxo e percurso de Floanora. Mas aí então, Gideon esperando nas salas de missões das guildas mercantis, se juntou temporariamente a uma caravana de aventureiros indo atrás de relíquias de Pheops, o comboio era formado por dois arqueiros e um espadachim. O espadachim, guerreiro e aventureiro experiente, possuía um Setetante, um aparelho mágico que achava a localização que lhe foi pedida, graças a Yal, Deus das buscas e coisas perdidas. Gideon lhe pagou uma boa quantia de cordões para levá-lo direto a Arcansas, a viagem demorou alguns dias, mas ainda dava tempo de visitar o seu pai e sua vila natal, antes do Triskelion começar. Chegando na vila, todos os viam com certa curiosidade, mas evitando-o, até quando entrou na cabana do chefe da vila, seu pai. Os dois se encararam e Gideon nem precisou de seus olhos de Avir para ver que seu pai sentia saudades enormes dele.

-Meu filho! Quanto tempo, por que desapareceste assim, de repente! Logo após a morte de sua mãe!

-Pai... disse em prantos. Eu não sabia como lhe encarar depois de tantos festivais de primavera e eu não tendo feito nenhum laço... Nem depois de mamãe... você sabe...

-Meu filho, isso não importa, o que importa é que você está aqui, são e salvo. E eu ouvi falar de vocês por mercadores que passaram por aqui, pensava que você estava, morto, mas se tornou um herói, filho meu! Eu estou muito orgulhoso de suas proezas.

-Pai, eu tenho pouco tempo para passar por aqui, eu só quis vê-lo, preciso atender ao Triskelion. E tenho novas: iremos canalizar o Floanora, para nossa vila florescer permanentemente. Eu ajudei os anões a vencerem a guerra, agora eles nos ajudarão a vencer o deserto. Mais adiante passaremos mais tempos juntos, eu prometo, mas já, estou ocupado com todo esse megaprojeto a se realizar.

-Filho, não se preocupe, toda a aldeia participará do Triskelion, para prestigiar as suas palavras. Algum dia você ocupará o meu posto de chefe, lembre-se disso, Gideon. Disse Elio Oliver com carinho.

Sempre-verde - Capítulo 14: Cidades Libertas e Vinda do Oriente.

Compartilhar

O destino era para Anterrão, Stopedro combinou com Aurora de mandá-la nas cidades recém libertas para ver como estava a situação por lá. Dunia e Lunia, separados, não são o mesmo que juntos. Dunia estudava na biblioteca da montanha sagrada escritos salvos da calamidade que atingiu Pheops, enquanto Lunia se divertia com os psilorgues em suas danças e suas substâncias alucinógenas. Fizeram chamada um para o outro por causa das saudades, os gêmeos nunca ficaram separados tanto tempo assim:

-Lunia, está tudo bem com você?

-Está mais do bem, está ótimo! Só espero não ter uma *badê trip* — como diziam os psilorgues em caso de passarem mal sob efeitos de seus coquetéis mágicos — como tive ontem...

-Lunia, você está de novo usando essas drogas?!

-Calma Dunia, pelo menos não é majúria... essa é mais natural, feita por ancestral. E você, o que tem feito?

-Estou estudando na biblioteca de Anterrão, há vários artigos interessantes sobre magias por aqui. Um deles é o Cascarão, um barco bem grande movido a magia, capaz de atravessar o oceano e combater as monstruosidades mitológicas do mar. E também, um Hecateptera, um planão que funciona com hélices que giram, giram.

-Mas o que é isso? Mas o que é isso? Disse Lunia alucinando.

-Eu acabei de explicar, é um Hecateptera.

-Desculpa, eu acabei vendo coisas aqui. Mais tarde a gente se fala mais, até.

-Então tá né, até.

Chegando com estilo até Anterrão, Gideon soubera que Aurora iria viajar até as três novas cidades libertas e gostaria de ir junto com ela. Celufonou para ela e a ligação mágica deu a se ouvir, pois ela estava bem ali próxima, do lado do aterrissamento do planão, em frente a montanha. Já estava esperando desde então, nem precisou da chamada. Os três partiram primeiro para Venturana, só haviam três bancos no planão. Um seguido atrás do outro. Lá a aventura foi outra, estavam em um lugar desconhecido. Conhecendo a cidade, foram até a praça, onde havia a fonte do dinheiro, onde se jogavam-se cordões para ganhar mais dinheiro. Não fazia muito sentido, só quem ganhava dinheiro com isso eram os indigentes que fugiram de Catalazar. A cidade ainda não era muito amistosa para visitantes, ainda mais aqueles que vieram dos céus. Onde se passava, as portas se fechavam. As crianças brincando na rua foram chamadas para dentro. O terror da guerra ainda se via ali. Gideon teve a brilhante ideia de acionar o seu megaouvir e dizer:

-Há alguém aí?! O que há com essa cidade?

Fora ignorado, exceto por um cavalheiro errante — ele tinha um sotaque diferente, era baixo, pele em tom amarelado, vestia uma roupa pesada de lã e couraça de ferro por cima, como armadura — que vinha se aproximando.

-Oras, oras, como todos estão com medo do herói que "salvou-nos" das garras de Catalazar, disse o cavalheiro brandando bravamente em tom de ironia e completou:

-Onde estão as minhas honras, *my lady* — falando em língua do oriente e beijando-a na mão de Aurora —

Aurora, atordoada pelo gesto porém lisonjeada:

-Que pouca-vergonha é essa? Primeiro nos acusar dessa forma e me tratar assim.

Disse o cavalheiro:

-É que de onde eu venho, as mulheres devem ser tratadas com respeito.

Aurora, um pouco indignada mas agradecida:

-Hmpf... pelo menos nos explique porque eles nos tratam assim.

O cavalheiro, lhe tornando redundante:

-Ué, eu já disse: vocês "salvaram" eles das garras de Catalazar... exceto que era de lá que vinha a fonte de alimentação dessa cidade, que nas suas minas produzem ferro. Ferro não dá pra comer não, senhora.

Sempre-verde - Capítulo 15: Desventura e Aventuras de Mulheres

Compartilhar

Stopedro levou Aurora até Karuma para se reencontrar com Smith e depois levará Gideon até Anterrão novamente. Enquanto isso, em Anterrão, Lunia já havia se reunido com Dunia, que foram beber junto com Heriberto e Hildor na Gruta dos Beberrões (era esse o nome do bar e sim, era numa gruta). Até chegou lá Javina, amor da vida de Heriberto, ele nem precisou impressioná-la para conquistá-la, ela mesmo se entregou com todo seu coração (interesseiro). Sentou ao seu lado e colocou sua bolsinha em cima da mesinha.

-Heriberto! Como é bom te ver aqui! Eu ouvi de todas as suas proezas, minha família agora te aceita de braços abertos. E eu, claro, sinto muito amor por você.

Lunia disse atrapalhando o momento "romântico":

-Quem é essa aí mesmo? Estamos aqui bebendo entre amigos.

Ela, um pouco coagida com a mensagem que ela quis passar, retrucou:

-Eu sou o amor da vida de Heriberto, ele me quer desde ano passado.

Heriberto, podre de bêbado, respondeu:

Mas... mas quem é você mesmo? Foram tantas aventuras que passei, tantas mortes que vi, esconderijos que me escondi, coisas que eu sofri, posso continuar falando das minhas experiências, mas não me lembro de você... não.. me desculpe. Javina? É? Esse nome me é familiar, mas tem tantas outras anãs interessadas em mim que acabou não me interessando em ninguém.

Ela, ofendida, porém certamente ofendida, disse:

Tsc.. viva a sua vida então, que eu vivo a minha! Pra mim tanto faz mesmo...

Ela estava fingindo estar tudo bem. Pegou a sua bolsa e foi até a pista e encontrou um anão para pedir a mão à uma dança.

E os amigos, continuando a conversa:

-Lunia, como você é capaz de ser tão amarga assim? Disse Dunia a sua irmãzinha 5 minutos mais nova.

-Ué, tava na cara que ela era interesseira. Gente assim nem vale a pena se apaixonar.

Heriberto comentou:

-É verdade. Quando eu era pobre, os pais dela não aceitavam o nosso casamento por eu ser um pobretão. Eu só fingi que não conheço mais ela, isso é sabedoria de anão, Yama quem disse, fingir desmemória quando bêbado.

Lunia caiu em gargalhada pela pilantragem de Heliberto. Dunia, ficou curioso:

-Ué, mas você não a amava?

-Tá aí a palavra certa, amigo, amava. Hoje em dia eu quero descanso, talvez algum lance casual, mas nada que me faça sentir mal. Depois eu vejo se algum dia casarei.

Lunia falou exaltada:

-Ah... pra mim tudo que tem é casual, tantos homens que já tive, mas sou praticamente casada com meu irmão, que cuida de mim e me controla das loucuras.

Dunia comentou:

-Casados mas sem sexo né? Só amor. Só para ele não entender nada errado e achar que nossa relação é uma bizarrice, irmãzinha. Toma cuidado com tuas palavras! Te endireita, menina!

-Tá certo e você sabe que eu adoro quando você me corrige. Hihihi. Riu ela com uma risadinha fofa e aguda.

Gideon e Stopedro estava chegando e celufonou para Dunia:

-Dunia, estamos retornando eu e Stopedro para a montanha, Aurora decidiu se encontrar com um ficante em Karuma. Tomara que dê tudo certo para ela e acalente o seu coração.

-Certo! Era de Stopedro que eu precisava, para designar novos projetos mágicos! Estamos na Gruta dos Beberrões, venha cá e vamos tomar um bom destilado anão! Um dos mais fortes, o coquetel Tsar. É como se levasse um tapa no ouvido, você fica com os ouvidos zumbidos de tão forte que é esse coquetel.

Sempre-verde - Capítulo 16: Ciência, Magia, Fé, Vem Tudo do Mesmo Lugar

Sabendo das dificuldades do coração de Gideon, Aurora foi sucinta na resposta:

-Tudo bem, eu irei com calma e verei as respostas e como ele reage comigo, não quero ter um marido abusivo, nem vagabundo... Hehehe. Ainda bem que ele tá no banho e não consegue ouvir nós celufonar. E as coisas aí, como estão?

-Estão seguindo bem. Eu já conversei com a Rainha pessoalmente sobre a situação de Venturana, os anões já estão fazendo os esforços necessários para a construção da ferrovia.

-Tudo certo então. Beijos, Smith está saindo do banho.

-Ah, antes de ir, você autoriza Dunia e Stopedro realizarem um projeto de um Hecatecoptera e uma Fotocâmera?

-Ahn... quantos custará? A utilidade você pode me explicar depois, eu sei que esses dois homens são inteligentes.

-5 mil cordões, disse Gideon como se fosse uma pequena quantia.

-Certo, eu autorizo. Não é muito e ainda ganharemos taxas das ferrovias construídas graças aos nossos esforços e dos anões. Oi amorzinho, tá conversando com quem aí — Smith interveio na ligação —, ah, é só Gideon, estávamos conversando sobre projetos tecnomágicos... Tchau, Gideon. Desligou a ligação mágica.

-Tecnomágico? Intrigou Smith. E completando:

-De onde eu venho, chamamos isso de tecnologia. E não de magia, mas sim ciência. Ciência é conhecimento adquirido a partir de dados empíricos, não de dados mágicos rolando perambulando ditando o nosso destino, isso é a nossa vida, mas ciência é uma coisa separada, não espiritual ou mágica. É questão de razão, de criação a partir de técnicas já descobertas e experimentadas.

-Uau... Eu nunca ouvi esse discurso de ninguém, me faz pensar que você é louco, ou que eu estou louca, mas você deve ter razão. O povo do oriente não perdeu nada na enchente após a calamidade de Pheops, nós perdemos muitos dados históricos de 2000 anos atrás. Por favor, conte-me mais histórias sobre a ciência!

-Ok então, alguma pergunta para começar?

Aurora desentendida com fatos científicos, perguntou:

-O que seria empiricamente mesmo? Império que mente?! Disse com certo furor nas suas últimas palavras erroneamente.

-Não, não é nada disso, sua boba. O empirismo é uma teoria do conhecimento que vem da experiência, a partir de dados sensoriais. Só a experiência preenche o espírito com ideias. Não sou nenhum cientólogo para lhe explicar isso, embora creio que você tenha entendido.

-Eu... entendi.. em certas partes. Então tudo que vem da experiência é tecnologia?

-Não, não, experiência também pode ser amadurecimento, não ciência. Ciência vem a partir do método científico, onde toda evidência deve vir de maneira empírica. Isso constitui a verdade a partir dos experimentos, mas não constitui a verdade a partir da fé, por exemplo.

-Eu posso ter conhecimento científico e fé ao mesmo tempo?

-Mas é claro que isso, as coisas não são correlacionadas. Fé é ter esperança, amor, carinho, afeto, acreditar algo além da nossa capacidade de entender. Ciência é um modo racional de ver as coisas e o mundo. Tenho ambos no meu coração, fui estudioso durante minha juventude e aproveitei todo o conhecimento com maior jovialidade que pude ter. A crença do oriente é mais dualista, crê que ambos nós praticamos o bem e o mau, assim como reencarnamos para serem seres em piores ou melhores situações segundo a vida passada.

-Ah, se ao menos pudéssemos ter mais contato com os povos do oriente, saber mais dessa tal ciência e crença. Me interessei por um ser dualístico como você, mas se for malvado comigo você vai ver.

-Hahaha, eu não pretendo ter maldade contigo, meu bebê. Talvez no sexo quando as coisas esquentarem... brincadeirinha. Te trato com respeito desde que te conheci e será assim até você partir. Mas então, vocês já praticam ciência, só tem crença que é magia o resultado de toda a experiência. Talvez isso nem esteja errado, porque tem coisas que nem a ciência consegue explicar. Por que vivemos? De onde viemos? Para onde vamos? Isso são maneiras que apenas a fé explica, seja qual seja a sua, pois no nosso povo praticamos também o sincretismo, absorvermos o que é de bom de outras religiões e deixamos para trás filosofias negativas, como o negacionismo, que nega a vida e traz a morte à sua latência.

-Eu acho que essa era a filosofia de Catalazar... ô povinho amargurado aquele, querendo dominar a tudo e a todos.

-Exatamente, eu acho. Não conheço muito da história daqui, só vim perambulando e fazendo favores por cordões, trabalhando como mercenário e fazendo bicos, inclusive nesse guerra perdida de Catalazar. O azarento foi eu, ou não, fui sortudo de ter te encontrado dado as devidas circunstâncias.

-Não acredito! Imagine se você fosse morto, onde teria eu encontrado amor na minha vida?

-Uma coisa que lhe digo, que nem é científica, mas sentimental: o amor sempre vem, o amor sempre vence. O importante é amar o próximo a como você ama a ti mesmo. Mesmo eu trabalhando com a morte, não era morte que eu desejara, infelizmente. Fazer parte de suas aventuras que é o meu desejo, Aurora, fazer parte do seu cotidiano.

-Saiba, era disso que eu precisava ouvir. Vamos viver aventuras juntos, viver o cotidiano de surpresas, de alegria e tristezas, mas principalmente de amor. Eu tenho me importo muito com você e sua segurança, isso é um papel que temos que ir atrás. Proteger um ao outro. Posso ter fé nisso?

-Você pode ter fé, porque eu vou estar lá para te proteger quando preciso, minha querida. Vamos dormir, amanhã falaremos mais sobre ciência, talvez com seus amigos, sobre eletricidade, conceitos físicos, se não me falhar a memória.

-Vamos sim — bocejando de cansaço —, meu bem. Boa noite para você.

-Para você também, minha paixão, bons sonhos.

Customize appearance

Sempre-verde - Capítulo 17: Dois amores, Correspondido, Outro Confuso ou Incorrespondido?

Compartilhar

Acordando de manhã, Aurora tinha muito o que falar com Gideon e Dunia sobre suas novas descobertas "científicas". Aprendizado vem com a lição na mão. Com ela, veio com um namorado em sua mão. Quiçá ele será capaz de transmitir o conhecimento necessário ou será necessário passar até o oriente e ele fazer a tradução dos livros sobre ciência? Eis a questão. Para atingir a glória de Pheops, será necessário tal envolvimento.

-Bom dia amor, eu estou enlouquecida para contar as novas da nossa conversa de ontem com meus amigos. Melhor presencialmente né? Você gostará de conhecer Anterrão, as gemas no teto do hall da Rainha brilham e iluminam o caminho do tapete vermelho. É uma visão linda.

-Bom dia. Aposto que tem um bar para eu fazer umas amizades também? Mas nada de maldade, quando estou acompanhado com uma mulher linda dessas não ponho meus olhos em outras, te prometo isso. Sei que seu tipinho deve ser bem enciumadinho.

-E acertou sim, mizerável! Brincadeira, isso é só uma força de expressão, não te acho um mizerável, te acho um arrazo.

-Bom conhecer novas expressões, mizerável!

-Você usou de forma errada amor, é só pra quando as pessoas acertam na ponta da língua.

Aurora, se vestindo sua armadura e roupa de baixo, disse:

Enfim, retomando ao assunto científico, gostaria que você desse uma palestra aos meus amigos. Eles irão adorar te ouvir, assim como eu, mesmo achando loucura de início, acho que você tem razão, de tão inteligente que és.

-Eu não sei se teria coragem. Teria que incorporar essa coragem no meu coração. Peço perdão se errar na hora.

-Então vamos a encontro deles, em Anterrão. A viagem até lá será difícil, mas espero que segura. Claro, você está ao meu lado. E nós dois damos bons combatentes contra qualquer malandro. De Karuma passaremos por Fortune, Ditosina, Venturana, em seguida e depois para Anterrão. Talvez aproveitamos as águas termais de Ditosina no caminho. Vou comprar um cavalo para nós irmos calvagando. Que cavaleiro é esse que não possuiu seu cavalo?

-Infelizmente, Aurocha morreu durante a guerra, minha cara. Eu tinha um laço muito especial com ele.

-Meus pêsames...

Volta em Anterrão, a Rainha proclamou:

-As ferrovias no pântano e até Venturana já estão concluídas, um escombro de Terem saqueado foi reparado e irá até Venturana com doações de alimentos de Gideon, com seu grande coração generoso que não quer ver aquele povo passar pelo eco tenebroso da fome. Em breve, quando as relações comerciais se esquentarem, com a exportação de ferro deles, eles mesmo irão vir atrás de alimento para se saciar. No pântano, eu pretendo construir um posto de vigia, para estreitar as relações que temos entre os psilorguers que foram nossos amigos no passado, através da magia da gogletra e de gente treinada para respeitar a cultura deles. Isso só enriquecerá o reino de Mortozor, que mudará assim como ajudará os demais, ademais o projeto de construir o canal que virá, pela glória de Yama, não precisaremos mais apenas se encobrir nessa montanha sagrada.

Gideon aplaudiu, junto com os outros da caravana e os anões. Eles pretendiam ir beber no momento, até mesmo Dunia, que deixou os estudos de lado para apreciar uma boa seresta. Mas aí chegou uma ligação de Aurora, muito importante, dizendo o seguinte com Gideon:

-Gideon, estamos partindo para Anterrão, eu e Smith, ele tem uma declarão para dar.

-Vocês vão se casar? Gideon respondeu surpreso.

-Não, não! Não esse tipo de declaração. Ele quer falar de algo chamado ciência. Um momento, ele quer falar com você:

-Gideon! Grande amigo, estou com saudades. Eu pretendo iluminar o povo dos anões com o conhecimento da ciência. No oriente, as coisas são diferentes. Não acreditamos em magia, vocês reproduzem ciência dizendo que é magia, mas é só ensinamento passado de geração em geração. Se fomentamos essa clareza e criarmos escolas para estudar a informação, a glória de Pheops, se é isso o teu sonho, retornará.

-Se é isso que tu diz, eu acredito. E pretendo te ajudar nesse processo. Eu estudava livros desse reino antigo que meu povo foi acumulando. Eu li a palavra ciência lá, só não sabia o que era. Se é isso que enriquece o homem, a vida, a população e gera desenvolvimento, é disso mesmo que precisamos. Para desenvolver a nossa futura cidade ainda sem nome, precisaremos do seu apoio.

-Aurora quer conversar com você, vou passar o celufone para ela.

-Oi Aurora, o que tem mais para me dizer?

-Tens alguma notícia sobre os acontecimentos em geral?

-Sim, Dunia está estudando "ciência", vou me acostumar a usar essa palavra. Ele pretende construir um Hecateptera, um veículo alado que pode transportar toda a nossa caravana. A Rainha Lizabete Segunda Domingos fez um discurso dizendo que as ferrovias até Venturana e ao pantanal já estão prontas. Será levantado um posto de vigia, para melhorar as relações com os psilorgues, com ajuda de gogletras e gente treinada.

-Que ótima notícia! Assim poderemos chegar mais rápido a Anterrão se pegamos um terem. Eu e Smith pretendemos viajar ao oriente distante, conhecer a cultura daqueles povos. Esse Hecateptera seria uma ótima adição. Gostaríamos que vocês da caravana também fossem.

-Sim! O terem parte às oito da manhã e da noite. Irei conversar com nossos amigos. Uma viagem seria uma boa, afinal, temos cordões a beça! Hahaha.

-Sim, ainda bem que Heriberto realizou o sonho dele, não é mesmo? O nosso dinheiro adquirido é compartilhado, desde que seja justamente. Enfim, a conversa acaba aqui.

-Então tá, ótima viagem, tchau!

-Tchau para você também. Aproveite o tempo que você tem aí, conquiste alguém. Brincadeirinha! Beijos.

Enquanto isso, na bebedeira depois beira das cadeiras, escorregando desandando Gideon bebendo a beça, recebeu uma ligação de Tailor. Uma surpresa para ele, que já estava se esquecendo dele.

-Oi, Gideon, tudo bem? É Tailor quem fala.

-Tailor.. não esperava uma ligação sua. Eu estou beeem enebriado, podemos conversar outra hora?

-Mas é que eu sinto saudades de você, Gideon, me perdoe pelo passado. Eu fui errado, eu menti, você omitiu e me ajudou a conquistar o meu respeito de novo. Obrigado por isso. Você me fez mudar.

-Eu te fiz o quê? Eu só fiz o quê.. não sei. Meus sentimentos por ti são conturbados demais. Eu gostava tanto de você, eu só te ajudei pra você não me odiar. Eu não gosto de ódio, gosto de amor. Mas não sei se posso te amar mais.

-Gideon, essas palavras me machucam. Toma em teu coração o meu sentimento, é enorme por ti. Eu quero te reconquistar, se for possível. Quando poderemos se ver de novo?

-Não sei... só sei que nada sei... brincadeira, estou bêbado. Não sei se quero te ver de novo. Mas talvez seja obrigado quando for inaugurado a ferrovia em Zenica. Eu preciso ir prestigiar você. Desculpa.. tô confuso.

-Se é assim, assim que seja. Tá acertado então. Te vejo lá, minha paixão.

-Os nossos assuntos só não seriam comerciais, não?

-Mas... mas... eu vou te convencer. Eu sei que vou.

-Tudo bem. Se tu diz. Tchau tchau.

Sempre-verde - Capítulo 18: Flora, fauna, premonição.

Compartilhar

Smith e Aurora em sua viagem à cavalo, passaram por mal bocados, a chuva que vinha pela direita, fez com que o cavalo tivesse uma reação contrária ao caminho que eles estavam seguindo, foi difícil de manipular tal cavalo, compraram um cavalo bravo, desobediente. Talvez seria melhor terem comprado um burro de carga, que é mais manso, mas o cavalo foi escolhido sem anteparo. Mas no fim, a viagem deu certo, eles se recolheram numa cabana que compraram e se protegeram da chuva. O cavalo passou a se comportar depois que a chuva passou. Seguiram o curso da viagem, indo até o fim, até Fortune. Lá puseram tal cavalo no estábulo, mas ele estava raivoso de ficar sozinho lá, pela desobediência e toda sua cólera. Se hospedaram num hotel com as paredes e portão pintados de ouro, uma visão extraordinária. O hotel de quatro estrelas custava caro, mas Aurora ainda tinha vários cordões guardados. Aproveitaram a noite para fazer o que quiser, pois o serviço era gratuito, cobrado pela hospedagem. Beberam pra caralho dos melhores champanhes e transaram demais, com uma tecnomagia chamada shortinhos, que previne a gravidez.

Depois, partindo de Fortune para Ditosina,no estábulo trocaram de cavalo com um menor, mas mais rápido, aquele cavalo era muito burro e desobediente. Esse cavalo seguia o caminho certo, nem precisava controlar nas rédeas, ele mesmo sabia o destino. Só era maneirar de vez em quando, quando ele errava a trilha. Ele foi bem escolhido, por sorte ou talvez por análise do garanhão. Assim como Catalazar, eles não vencerão. Quem? Você pergunta? Filosofia é ciência, Smith ensinou isso para Aurora. Lá no oriente, há muitos monges filósofos, pessoas estudadas, mas isso no reino de Xinalláh, em outros povos o acesso ao conhecimento é menos distribuído, sorte que o pai de Smith, Hodiernal Smith, era um ser iluminado e buscava livros longínquo, para ensinar ao seu filho.

À caminho de Ditosina, encontraram tropeiros, indo atrás do que foi perdido da guerra. Só uma cumprimentação foi o suficiente, pois não queriam causar problema a ninguém. Mas havia ódio naqueles perdidos da guerra. Ódio suficiente para tentar reerguer o reino de Catalazar. Mas eles não iriam se aventurar tão longe assim pois não eram capazes, só estavam buscando o elo perdido, parentes mortos na guerra, pois a revolta trouxe isso, parente morto, corpos e destroços nas áreas de batalha da revolta; com Catalazar enviando soldados para guerrear contra sua própria família. Chegando lá, repousaram nas águas termais elucidadas com o calor que emanava geotérmico. Smith explicou esse termo a Aurora, pois lá havia muitos vulcões, coisas explosivas e lava, uma espécie de água muito quente, que nem o sol escaldante do verão. Só que quando você toca na lava, não há perdão. Ela queima como Catalazar queimou todas as vilas e cidades anãs. Água muito quente era o que havia nas águas termais de Ditosina, um vulcão inativo trazia esse presente, que enriqueceu a cidade turisticamente, ainda mais depois da queda de Catalazar. Vinha gente de todos os lugares, gente muito diferente, mas eram respeitosos com os visitantes. Têm muita hospitalidade, com qualquer tipo de gente.

Aproveitando bem as águas, tiveram um bom descanso nessa noite. Zarparam rapidamente para Venturana, pois segundo informações dadas por Gideon, o Terem partira as oito da noite. Chegaram bem a tempo, Smith, olhando seu reerguer-lógico, aparelho científico que mede o tempo, compareçam no destino 30 minutos antes do terem ser designado para partir. Deu tempo para tomarem um chá e relaxar. O cavalo, nomeado de Zarpado, pois era ligeiro, foi colocado no estábulo do terem. Permaneceu calmo durante todo o percurso, comendo feno. Enquanto isso, Smith e Aurora tiveram bons gracejos pervertidos durante a viagem:

-Ei, me fala, é bom tomar Yak mesmo? Quero provar quando iremos para o Oriente!

-Bem... se você gostou de tomar *aquilo*, então iria gostar do sabor do Yak. É parecido, só que mais doce.

-Isso me deixou bem constrangida, mas achei graça —disse enquanto sorria e ria de alegria — Seu fofo! Aff... você faz cada coisa comigo, me faz sentir de cada jeito. Com bobagens, anida por cima!

Sempre-verde - Capítulo 19: Hecateptera? Scientia, Ar e Luz

Compartilhar

Com o Hecateptera finalmente pronto, o grupo estava ansioso pela viagem. Stopedro não aceitou ir pois queria fazer parte da construção das ferrovias. Heriberto tinha medo de alturas, como qualquer anão. Só os mais corajosos desbravaram o culme da montanha de Anterrão dos anões e deles eram concedidos premiações por tal realização. Nem os mais corajosos dos anões desbravariam os céus. Quem decidiu ir para o oriente foi Lunia, Dunia, inseparáveis, mas de vez em quando separados. Estavam se acostumando quanto a isso, Lunia estava muito menos apegada ao seu irmão e buscava conversar com os outros membros da caravana. Falando dos outros membros, os heróis de Catalazar, Aurora e Gideon, foram sem hesitar, não tirando mérito dos outros, mas foram eles quem fizeram o maior trabalho para o bem maior. Smith leu o manual de instrução de pilotagem da máquina, que graças a Hecate própria, vinha junto com o manual de construção. As três hélices, duas no topo da cabeça e uma na cauda, ele descobriu que as pás das hélices superiores são curvadas, afim de diminuir a pressão do ar acima e aumentar a pressão vindo de baixo, fazendo a aeronave voar. O controle cíclico, a parte da cauda, controla as direções, frente, trás, esquerda e direita. Quando se quer ir para frente, se aplica uma pressão maior se inclinando para baixo, assim como se o cíclico é impulsionado para a esquerda, por exemplo, uma pressão maior será aplicada à direita da aeronave, fazendo com que ela vá para o outro lado. Cain aprendeu também que é possível ficar parado no ar, planando, girando em volta do próprio eixo. Stopedro não esqueceu de construir os pequenos-fones, aparelho semelhante a um celufone, porém fixo, para poderem se comunicar diante do zumbido que parece um tapaço na orelha. E com isso, a viagem começa. Receosos como todos, até a Rainha Lizabete desejou uma boa partida, enquanto o pessoal se rodeava em volta e a ventania das hélices viam em seus rostos, bom, pois estava calor, já era verão. Época de reprodução das mulheres da Colmeia. Ainda há uma coisa que Smith estava resguardando de contar para a trupa. Tal coisa é horrorosa e deturpada.

-Ah, Aurora, agora que consigo planar no ar, eu tenho um mapa que meu pai me deu de presente quando parti da aldeia, para nunca me perder, é um mapa "mágico", ele se preenche sozinho, conforme eu vou descobrindo novas áreas. Quiçá será até mais fácil de desbravar o mundo pelos ares, embora gaste muita gasosa e dinheiro. Esse mapa só pode ser visto por mim, para os outros não aparece nada. É melhor eu identificar os cruzamentos das estradas que fica mais fácil de me localizar.

-Mas me diz, disse Lunia curiosa, quem é Hecate?

-É uma deusa antiga de Pheops, de onde vem tais informações sobre a produção do Hecateptera. Segundo a lenda, ela era a deusa da astronomia lunar, tecnologia e espiritismo. É a religião que eles seguiam no antigo império, os nobres faraós renasciam em deuses e os plebeus em meros animais, por isso seguiam o vegetarianismo, eles só comiam vegetais e frutas. Hecate tinha três personalidades, uma delas era bondosa e paciente com seus servos, outra, fazia canibalismo e era agressiva, escolhia quem gostaria de comer no jantar real e a pessoa concedia, pois era uma graça ser comido vivo por ela e mesmo assim era exaltada, pois a terceira personalidade dela era de ser uma cientista, pesquisadora assídua, descobriu sobre diversas partes da ciência, primeiro como uma filósofa, depois partiu para a matemátca, aquilo que usamos para contarmos números; física, a lei do universo, biologia, estudo dos animais e das plantas, principalmente as fêmeas, sobre qual era ela atraída. Majúria era a planta favorita dela, pois só a feminina florescia. Ela foi a base de toda a história dos Pheopnianos. Ela era uma flor, mas também um horror, ela causava temor e adoração, durante sua vida e durante sua divindade, causando adivinhação e experimentação entre os cientistas que se baseavam nela.

-Pera, disse Lunia informalmente e curiosamente, ela gostava de mulheres?

-Sim, existe até uma ilha para isso, Lesbos, embaixo da Colmeia que iremos visitar. Mas acho preciso primeiro me encontrar com meu pai, e reencontrar o pavor da minha vila. Espero que eles tenham esquecido de mim.

Sempre-verde - Capítulo 20: Revelações de uma Reunião, Planejamento de um Golpe Desde Então

Compartilhar

Falando em tom discreto, Hodiernal contou para o seu filho o quanto sentia saudades dele e das novidades da família:

-Meu filho! Eu senti tanta sua falta, a aldeia não lembra mais da sua faceta, então pode ficar tranquilo. Eu encobri tudo, tudo com rumores sobre a verdade! Depois de um tempo eles passaram a aceitar e agora pelo visto até esqueceram de você. Estão mais em foco nessa incrível máquina voadora que você e seus amigos, eu suponho, trouxeram.

-Obrigado meu pai, também senti enormes saudades de você e de suas histórias. Mas o que você tem de novo para me contar?

-Então, eu me casei novamente, ainda sinto memórias por sua falecida mãe, mas isso não pode pendurar para sempre, pois um homem sempre tem o direito de amar novamente. Tive um outro filho, seu meio-irmão. Estou sendo mais cauteloso com ele, para que ele não sofra preconceito como você sofreu, que só sabia falar sobre os livros que leu. Ele acredita nos deuses, graças a sua mãe, mas isso não vou tentar desconverter dele. Seu nome é Ovini, graças a coisas que vi no céu no dia de seu concebimento. Objeto voador não identificado, mas e esse seu, qual é o nome?

-É um Hecateptera, pai. Será que podemos ir para um lugar mais tranquilo, com meus amigos e conversar?

-Mas é claro, filho meu. Quantas saudades de ouvir suas palavras e de sentir o calor de seu abraço. Venha cá, ainda nem nos abraçamos.

Enquanto os dois se abraçavam, a caravana toda, assustada e receosa com o novo, recebendo todo o *spotlight* da população, saíram de fininho seguindo Cain e deixaram Hecaptera estacionado ali, com as portas trancadas e sem a chave do motor.

-Para onde estamos indo? Perguntou Lunia.

-Para a casa do meu pai, fica logo aqui perto, é uma cabana bem confortante.

Chegando lá, se impressionaram com as coleções de Hordienal, livros, conhecimento pronto para ser descoberto, centenas de facas de caça, arco-e-flechas e bustos de cervos, de um urso e de um coelho com chifres.

-Acredite ou não, meu filho, encontrei um novo emprego e hobby, pois adoro o que faço. Sou o caçador mais renovado da vila. Sempre foi até o ferreiro em busca de novas facas assim que recebo meu pagamento do açougueiro. Sou um colecionador assíduo agora, não somente de livros.

-Pai, era exatamente sobre o que eu queria conversar. Livros. Precisamos de muitos, para ensinar as crianças e adultos a não ser privados do conhecimento e aumentar suas consciências, no futuro reino dos anões, no deserto de Falaeu, num oásis, encontramos uma maneira de canalizar o Floranora.

-Meu filho... me desculpe... mas tenho algo a revelar para vocês, para vocês todos que estão aqui, eu não comprava os livros, eu ia, com minha capa de camuflagem, eu ia até lá, escondido, bem *stealth* e roubava os livros na grande biblioteca no reino da Colmeia, que preservou muitos livros de Pheops. Seu pai era pobre na época, mas tinha sede por conhecimento. E hoje é rico em ambos cordões tanto ciência. Uma coisa que tenho a lhes dizer, faça o que você é livre para fazer.

-Obrigado por me proteger pai, mesmo fazendo a coisa errada. Eu aprendi muito com o senhor e agora posso seguir meu próprio caminho, junto com meus amigos. Falando nisso, gostaríamos de informações de lá, da Grande Colmeia, se eles aceitam estrangeiros ou não.

-Ufa. Ainda bem que perguntantes isso. Eles não deixam os homens entrar e levam as mulheres como escravas, por isso eu ia lá com minha capa. Lá o que reina é o patriarcado, todas as mulheres são escravas a serem fecundadas para gerar crianças. Coitadas, desde pequenas são separadas e ensinadas como é a "ordem" das coisas. Eles completamente deturparam a biologia das abelhas e aplicaram isso a seres humanos, uma espécie completamente diferente.

Lunia interveio na conversa, muito prestativa e disse:

-Por que não organizamos um *coup d'état*, aprendi essa palavra com os psilorgues, aliás, eles tem gostos culinários bem estranhos. Algumas comidas são deliciosas, outras são repugnantes. Essa palavra significa golpe. Vamos golpeá-los, direto na fuça!

-Irmã, você está falando sério? Sabe dos riscos que podemos correr, não sabe? Eu me odiaria te ver como escrava ou pior, morta, eu choraria rios de lamentação.

-Eu sou corajosa, você é fraco, então esteja camuflado, pois eu sou cabulosa! Rimei. Hahaha!

-Irmã... eu não sou medroso, eu sinto o medo por você, só quero te proteger. Isso rimou? Não sei...

Gideon encheu seu coração, sem amedrontação e com um aspecto de organização:

-Se é para realizarmos um golpe, precisamos estar bem preparados. Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas - Moon Chu. Uma citação de um mestre da estratégia. Afinal, precisaremos obviamente de mais dessas capas para adentramos ao reino. Hordienal, é muito difícil de fabricá-las?

-Na verdade não, só precisamos de carvão, ou madeira queimada. Carbono para ser mais exato. Eu encontrei uma relíquia no deserto de Falaeu, que permite transformar carbono em nanotubos e disso, através de uma ciência ancestral que não consegui encontrar respostas, faz um tecido camuflado, que é muito difícil de tecer, pois ele imita o ambiente. Tem que sentir na mão e não na visão para conseguir. Demorei um ano inteiro para conseguir fazer a capa.

-Eu sou uma ótima alfaiate! Minha falecida vó me ensinava a tecer, enquanto ela tecia histórias, eu tecia roupas para Dunia desde pequena. Consigo até dar um nó cego de olhos fechados! Hahaha, brnicadeira, mas eu tenho muito talento nisso.

-É verdade, minha irmã fez várias roupas aconchegantes para mim, cachecóis, capas, suéteres, toucas... Ah.. como era bom o tempo quando a família não era apenas nós dois.

-Então, focando no assunto, disse Smith com tom sério, a melhor forma de conseguir carbono é por madeira, não é? Não tem nenhuma mina de carvão aqui por perto. Terias algum machado para nos emprestar, pai?

-Mas é claro meu filho. E Lunia, você já pode começar a tecer, é só por essa madeira queimada na máquina, dessa forma aqui, ó:

E então Hordienal explicou direitinho para Lunia como a máquina funciona e dali já saia uns fios para ela ir tecendo e afim foi se fazendo, ela começou o seu trabalho e contribuição.

-Quantas você acha que serão suficientes? Perguntou Gideon. Aliás, as facas também seriam úteis, não?

-Seis. Lá no reino da Grande Colmeia eles tem uma superstição com esse número, o número seis. Seis seria o suficiente, um a mais para vocês, Sim, é melhor vocês levarem, caso precisem assassinar alguém. Tipo o rei. Engraçado, eles têm rei e não rainha, ao contrário de uma colmeia de abelhas de verdade. Aliás, quem é essa moça que está tão quietinha aí?

-Me desculpe não ter-lhe-a apresentado antes, meu pai, essa é minha namorada, Aurora Nitelide.

-Minha nossa! Mas como você é linda, Cain realmente tem bom gosto.

-Obrigada. *I'm flattered.*

-Oras, oras, vejo que ela aprendeu muito com você, meu filho, que orgulho. Quando será o casamento?

-Não força,pai.

-Ok, ok, meu filho. Agora vá derrubar uns pinheiros para sua missão.

-Certo, mas não é mais fácil apanhar os galhos?

Sempre-verde - Capítulo 21: Investida de amor e morte

Compartilhar

Passaram-se duas semanas e Lunia estava prestes a terminar a bolsa para guardar as armas brancas. A hospedagem foi sadia, madame Onlaine sabia preparar ervas medicinais para aliviar a ansiedade dos aventureiros e uma súbita dor de barriga de Gideon. Estavam todos apreensivos, menos Lunia. Ela estava excitada para esmagar com esse governo maligno, corrupto e maldoso contra as mulheres. Tinha os olhos fervendo como um bule de café. Já com o plano em mente, todos treinados para se preparar para o pior. Preparados porém com medo, só Lunia se sentia prepotente e corajosa. Irão até lá com cavalos alugados, para não levantar suspeitas do barulho de um Hecateptera. E assim seguiu a viagem. Alcançaram um ponto para deixar os cavalos descansar, arramaram-nos em troncos de árvore próximo ao um rio que poderiam beber da água e comer a grama do local. Caso algo desse de errado, era para todos retornarem ali. Na calada da noite, Lunia e Dunia foram os primeiros a enfrentarem os guardas. Chegaram com sua capa de camuflagem por trás e deram um golpe fatal e silencioso, cada um deles. Lunia pulou de alegria, era a primeira pessoa quem ela matava, antes só havia matado javalis, veados e coelhos.

-Irmão, eu estou tão feliz, me sinto tão efervescente!

-Dunia, calada, shhh, não faça muito barulho para não despertar os guardas da torre!

-M-mas estou tão agitada. Q-quero matar os outros!

-É só adrenalina no seu cérebro sua doida, você não se sente feliz, só está a mil por hora. Vamos logo esconder esses corpos para não levantarem suspeitas. Lembre-se — disse sussurrando — é preciso esperar um mercante chegar para entrarmos à fortaleza. Isso só de manhã, então vamos ser pacientes.

-Você sabe que paciência não é meu forte, meu irmão. Estou com fome já.

-Espere. Garanto que no Jardim de Éden haverá várias frutas deliciosas para você desfrutar. Vamos manter a baixa guarda. Se sua barriga roncar eu tenho um pedaço de pão d'água para você comer.

-Me dá, me dá.

-Você realmente não é paciente, pega.

-Ugh... ficou preso na minha garganta... preciso de água.

-Argh.. me dê paciência, Hecate. Vamos retornar até os cavalos, rápido e beba da sua água. Os outros estarão nos esperando por lá, vamos avisar que até esse ponto deu tudo certo.

-Certo.

Lunia tomou sua bendita água que matou sua sede e Dunia informou os detalhes à equipe.

-Certo, o dia já está amanhecendo, disse Gideon. Vocês fizeram um bom trabalho, podem tomar conta dos guardas na torre, mas matem-os ao mesmo tempo, coordenem-se com números, contem até sessenta.

-Smith interveio na conversa: você sabe que se conta segundos começando do zero, não é?

-Não sabia... disseram os irmãos em junção.

-Bom saber, assim vocês estarão preparados.

-Mas por que matar ao mesmo tempo? Disse Lunia.

-Porque se um ver que o outro está morto, utilizará de sua arma para aniquilar quem terá feito isso. É importante ser estratégico. Bom, vamos esperar até o nascer do sol, e se camuflar entre arbustos, porque a camuflagem não é perfeita, é só uma ilusão de óptica, como disse Gideon.

Esperaram até o nascer do sol, tomaram Kávontade, uma bebida energética e comeram pães e peixes assados pescados no rio com a ponta certeira de Lunia, acertou com arco e flecha os peixes vendo através da ilusão de óptica também que a água provoca sobre o que está embaixo. Apagaram a fogueira logo em seguida, para não levantar nenhuma suspeita. E se encontraram todos atrás do matagal frente ao portão principal. Um comboio carregado por dois bois neloorenses cheio de carne defumada (deu de sentir pelo cheiro) se aproximou do portão. Estranhou não ter guardas na frente, mas chamou os que estavam em cima para ali. Eles largaram a meta-lha-a-dor-a lá no posto da torre, o que é era bem benéfico para a caravana. Os guardas foram buscar mel e enquanto isso eles camuflados se infiltraram na colmeia. Era o trabalho de Dunia e Lunia matar eles ao mesmo tempo, cronometrado, quando retornassem aos postos e assim fizeram. Lunia pegou uma de suas armas, muito pesada, mas ela carregava com vontade de se defender. Ela também tem uma pontaria ótima e dava-se confiança. O problema era esconder a arma, que ficava de fora da capa. Talvez eles só pensariam que é um objeto estranho flutuando por aí, ou um vaga-lume, pois esta era coberta de ouro e refletia a luz do sol. Eles esbanjavam suas riquezas até nas armas. Tiveram não muito esforço de esconder os corpos dos guardas no fundo do poço que havia ali próximo.

Adentrando a colmeia, eles combinaram de se espalhar, avaliar o terreno e as localizações; e se encontram no meio do jardim após isso. Lunia foi direto ao meio do jardim e encontrou lá uma moça, amarrada, preso a um arbusto, com as flores fechadas. Ela com conversou com ela.

-Oi, por que você está amarrada aqui?

Ela respondeu, friamente:

-É meu julgamento. Por não ter abrido minhas pernas para o rei.

-Oras, essa, mas que julgamento é esse...

-Ele é cruel. Mas é bondoso também, me diz que sou linda, que sou feia, que sou inteligente, ridícula, tudo para me submeter a ele. Mas eu não vou me submeter.

-Você realmente é muito linda, sabia? Qual é o seu nome, moça dos cabelos de fogo?

-Obrigaod. Eu posso dizer o mesmo de você. O meu nome é Lilith.

-E o seu sobrenome?

-Eu não tenho sobrenome, assim como qualquer escrava da colmeia.

-Mas que maldade, vocês não tem família?

-O que é família?

-Família é pai, mãe, irmãos, avós...

-Desconheço desse termos, menos mãe. Aqui somos livradas de nossa mãe logo após o parto e somos alimentadas com mel, uma papa e geleia real... pelos homens da colmeia.

-Por isso você parece tão fraca, é preciso de leite materno para crescer.

Lilith tem uma estatura baixa, fisiologia magra, cabelos ruivos, mas seu semblante é surpreendente bonito, por isso era a favorita do rei, até a transgressão que ela fez.

-Mas e aí, quando você vai sair daí? Eu posso te desamarrar a qualquer momento.

-Não, espere, isso seria suspeito. Espere quando a noite chegar e as flores florescerem. Elas emitem um cheiro que atrai morcegos, ainda bem que não abelhas, pois senão seria picada.

-Veja só, eu tenho uma capa de camuflagem extra, é assim que invadimos a colmeia, eu e meus amigos planejamos um golpe para acabar com esse regime anti-democrático. Você é o suficiente para ser uma líder?

-Eu não sei... talvez... se você me ajudar, é claro. Me dê ideias!

-Mulheres devem ter sua autonomia do seu próprio corpo e cuidarem de seus filhos com ou mesmo sem seus maridos. Não devem ser estupradas pelos homens. Devem achar um homem que ama e assim fazer amor do seu jeito.

-Desculpa, mas o que é "estuprada"?

-É o que o rei tentou fazer com você, tentou forçar o sexo, mas você foi corajosa a fechar as pernas para ele. Aliás, qual é o nome dele?

-Ele me bateu, me xingou, me elogiou, fez tudo que podia para transar com ele. Mas não me deixei por convencer. Eu sinto desgosto por homens! O nome desse terrível é Baphomel Dawnstar. Ele me forçou a cheirar essas flores a noite, esse cheiro doce, para algum dia eu me convencer de deixar ele me desflorar. Como se eu fosse me convencer por isso! Aquele monstro... Essa foi minha punição. Ele pode ser cruel com as demais, mas sou a favorita dele.

-Isso é uma ótima posição para ser uma líder, já que você é a favorita dele, enfrentando ele, frente a frente. Ele vai se sentir apavorado. Quando escurecer meus colegas chegarão aqui, eles estão explorando o terreno.

-Rápido, se camufle, tem alguém vindo!

Um homem encarregado de alimentá-la chegou e disse:

-Tá aqui sua carne, vadia! Coma do chão, já que suas mãos estão amarradas!

Sempre-verde - Capítulo 22: Homem Orgulhoso, Incompreendido e Fedido, Não Redimido

Compartilhar

Era hora de agir, hora de partir, de dar a investida como fosse uma ida sem volta. Perante ao medo, menos Lunia que se sentia poderosa com sua arma, se esconderia atrás do portão para dado o momento certo de atingir o alvo. Os outros conforme combinado, incluisive The Lady of the Night iriam atrás dos seis cortês para cortarem suas gargantas sem dó nem nó, eles não sobreviverão. Abriram os portões e por coincidência milagrosa, um vento forte soprou como se estivesse abrindo as portas do inferno que eles cairão. Como se fosse Bieggolman ajudando Smith nessa missão, conforme ele pensou num resquício de fé na sua antiga religião. Não suspeitaram da entrada, olharam para trás, assustados, um dos cortês se levantou e foi fechar a cortina e o vidro, pois a porta se abre por dentro. Estava mais escuro e mais claro para os espiões já infiltrados em suas posições, só deveriam tomar cuidado caso se esbarrassem em alguém. Hordienal esperou fora com a capa de camuflagem de Lunia para narrar no momento certo. Ela estava tão corajosa que iria metralhar qualquer homem que se aproximara. E então, o Rei mandou a ordem:

-Oras essa! Era para ter chaveado a entrada, não fechada as cortinas! Está calor, oras essa! Esses trajes reais dão muito calor! Estou soando aqui, *for fuck's sake*!

Esse era o momento ideal, pensou Gideon. Era pra aproveitar o calor do momento Só era esperar o momento de um servo chavear o portão. Smith acompanhou seus passos e o agarrou, sua capa de camuflagem caiu e revelou seu corpo sob mercê do refém. Os outros acompanharam o passo de por a navalha no pescoço de cada um e Gideon disse:

-Agora sim as coisas irão esquentar, Baphomel.

-Mas o quê?! Mas o que é isso? Mas o que é isso? O que está acontecendo aqui?! Que desordem! Lilith, por favor, me ajude, acabe com essa loucura... eu sempre te tratei bem. Melhor do que as outras!

-Cale a boca, seu insolente, você não tem uma medida nas palavras que sai de sua boca fedida a hidromel. Seu cara de pau! Eu jamais te ajudaria e me abriria por você, porque quer saber o quê? Eu gosto de mulheres. Me interesso por elas, uma pena eu não poder ser a abelha Rainha dessa colmeia, pois quero desbravar o mundo ao lado de quem estou amando!

Lunia se sentiu sentida com essa declaração, afim de perceber que já estava sentindo o mesmo. Dava de ouvir toda a gritaria do outro lado do portão. Bateu seu coração a vontade de entrar, mas só deveria dado o sinal. Ela não estava sendo impulsiva mais.

Mataram cada um dois seis, começando pela esquerda pra direita. Agora você vai ter que ouvir o que temos a te falar, pensou Gideon. Avisou a Smith destrancar a porta com a chave e assim ele fez. Liberou a entrada para ambos e Baphomel se sentiu atormentado pela visão da meta-lha-a-dor-as dourada. Estava tremendo de medo, prestes a fugir, até que Lunia disse:

-Um passe em falso e você estará perdido, metralhado todos os órgãos de seu corpinho prepotente.

-Está certo. Disse ele com medo e tremulando a voz, como a batida de seu coração, distônico, desregulado, assustado. O que vocês têm a me dizer?!

-Primeiramente, disse Hordienal. Tenho muito o que falar para você, que deturpou a biologia das abelhas para aplicar numa sociologia antiética e nojenta. Sabia, né, que as abelhas rainhas que comandam a colmeia, certo? Mas porquê você inverteu os valores? Tudo por sua atitude machista e patriarcal. Onde os homens lideram o mal. Queremos uma democracia aqui e iremos por no poder a mais inteligente das escravas, Cléo.

-Eu não acredito nisso, os homens não irão aceitar e as mulheres continuarão submissas!

-Você está errado. Iremos utilizar do poder, afinal, é preciso de poder numa revolução. Tanto diplomático quanto bélico. Já possuímos os dois e iremos convencer os homens e mulheres a acreditarem no amor e não na dor do estupro, violência, submissão. Você tortura-as porque deve ter algo que não te aceita dentro de ti, algo que te perturba e não faz realizar de que está errado. Eu me lembro que sua mãe, não pensava dessa forma. Mas foram poucas vindas minhas nessa época, mas soube que você a usurpou. Matou o coração da sua mãe que batia para você, para te amar e te deixar viver. E você só quis poder.

-Arghhh! Cale a boca, não me perturbe mais! Vão à merda!

Baphomel apanhou de seu bolso na capa real uma Peestola, que estava ligada por um tubo diretamente ao seu canal urinário. Mirou em Hordienal e acertou na cara, com um jato escaldante de xixi.

-Que nojo! Exclamou Hordienal. Você não tem palavras e parte para o ataque físico, que repúdio! *Shame on you*. Meus olhos ardem, mas ainda bem que minhas lágrimas me protegem. Você nem chega a chorar seu tolo, mentecapto!

-Mente o quê? Me poupe, eu sinto medo. Não sou nada disso não. Só fui mimado demais pela mamãe... por que estou falando isso? Que coisa é essa? Lilith, você me enfeitiçou? Sabe que eu não acredito nessas coisas, mas acho que estou melhorando e acreditando.

-Pare de tentar enganar os outros, seu idiota! Eu você não engana não. Conheço muito bem suas maldades e bondades. Seus dois lados, pervertido! Nojento, desgraçado, você irá pagar pelo o que fez por todas! Lunia, atire na perna dele para ele não escapar. Precisemos manter o Rei de refém para acalentar os machos com seu pobre mílico indefeso.

-Certo!

Ela atirou, mas a mira daquilo era muito diferente, era pesado e estragou todo o afresco de abelhas na parede, foram seis tiros e nenhum o acertou. Nesse erro, ele empurrou a parede com uma mão e abriu uma passagem secreta para um covil com todos seus tesouros, cordões e um Bisecreto, um veículo de duas rodas movido à força das pernas. Ele escapara e adquiriu um pseudônimo, Getúlio Bee. Vestiu roupas simples, com muito cordões no bolso e dando um corre com seu bisecreto até a aldeia mais próxima, que vendia carne para a colmeia e lá esperou, com medo; bolando um plano fininho e direto. Precisava pensar sobre um plano de reconquistar o golpe que lhe foi feito. Enquanto isso, a caravana e Hordienal estavam pensando no que fazer. O plano mais concreto que chegaram era convocar todos os homens e forçarem a libertar as mulheres com as armas apanhadas do poço. E assim foram fazer.

No caminho, Gideon se desviou do caminho dos outros e encontrou com um homem passando pelo meio do jardim, num canteiro de amor-perfeito e eles conversaram:

-Alto lá, disse Gideon. Tome cuidado com o que faz.

-O que foram aqueles barulhos? Eu contei que foram seis vezes o mesmo estrondo.

-Isso é só um detalhe no momento. Vamos resolver certas coisas por aqui.

-Resolver? Disse ele com brilho nos olhos. Que... maravilhoso.

-Sério? Com o que você concorda?

-Eu não consegui sentir ódio contra minha mulher que me foi dada e nem vontade de violentá-la, ou melhor dizendo, penetrá-la. Eu trato ela bem.

-Que bom, isso é uma das mudanças que pretendo continuar.

-Qual é mesmo seu nome? O meu é Junior Clothesline Valuá.

-Me chamo Gideon Oliver, prazer em te conhecer.

Eles pensaram a mesma coisa: como este rapaz é lindo, quero algo a mais com ele, conhecê-lo melhor. Junior pensou que agora realmente sabe o que é, veio magicamente a sua mente a aceitação de si mesmo. Ele tem uma estatura mediana, cabelo e bigode charmoso loiro, olhos castanhos escuros e abdominal e peitoral peludos. Seu nariz é estreito e os olhos bem abertos. Dado o prazer em conhecer Gideon, ele respondeu:

-Eu valorizo conversar com estranhos, o que é tão raro aqui. Eles nos trazem ideias novas, não aquelas que nos foram ensinadas.

-Isso é bom. Pretendemos tornar isso uma democracia e que turistas venham ver esse lindo jardim, beneficiando a economia local.

Sempre-verde - Capítulo 23: Rei-torno Desencabeçado, Ameaçado de Morte, Quase Chegou Ao Fim

Compartilhar

Os homens e mulheres seguiram o plano de ação. Invadiram camuflados o refeitório e ceifaram a vida dos homens "protegendo" as mulheres. Lilith saiu de sua capa, pegou a chave de um defunto e chaveou o refeitório. Ela proclamou o seguinte, na presença de todas as mulheres que não estavam grávidas:

-Vocês agora estão livres. Livres da opressão de Baphomel. Ele está morto. O próximo passo é libertar as outras mulheres, mas iremos precisar de suas ajudas. Peguem essas adagas no saco, e se possível, façam de refém os homens escrotos que fizeram maldades com vocês.

-Mas espera, interveio uma recém liberta. O meu homem me ama, como serei capaz de fazer isso com ele?

-Então não é preciso, ele entenderá.

-Outra ocorreu a dizer; o meu me maltrata, cospe na minha cara, enfia garrafas de hidromel você sabe onde, me maltrata, posso matá-lo?

-Se esse for o seu melhor julgamento, sim. Não precisaremos de homens estupradores em nossa nova Colmeia. Será uma democracia e leis têm que ser passadas. A primeira a lei Áurea, iluminação para as mulheres, conhecimento e sabedoria. Saber que seu corpo são suas regras, assim tanto para os homens. A segunda, a lei Obscura, lei que prevê o julgamento necessário para homens que maltrataram suas mulheres, em caso de não arrependimento e reeducação, a sentença é a morte. E a terceira e mais importante, a lei da Liberdade, ninguém mais será feito como escravos, iremos estabelecer ordem e trabalho para todos, conforme forem suas necessidades e habilidades.Uma quarta é mudar o nome profanado das armas para metralha-dor, pois a dor da morte vem para todos. A Colmeia é rica em fruticultura e horticultura, mas podemos expandir para outras áreas agronômicas. Além do bel-prazer do mel, poderemos expandir a Colmeia e deixar animais como caprinos e suínos livres a pastejar fora do hexágono original, mas cercados. Disse Dunia tendo lido a constituição de Pheops.

-Foi um ótimo discurso, Dunia. Eu, Cain Smith, farei o possível para iluminar a mente dessas mulheres, assim como dos homens.

-E então, o que faremos agora? Disse Lilith.

-Eu sei o que podemos fazer, Lilith. Disse Aurora. As mulheres retornam para seus hexágonos e façam de refém os homens que as torturavam, ou conversam amistosamente dizendo que o Rei foi morto e agora há uma Rainha quem comandará tudo. Não temam. Sejam sedutoras e no momento certo, atinjam seus "parceiros" pelas costas, com a navalha no pescoço. Ou se tiverem misericórdia, amarrem suas mãos, mas primeiro deixem-os inconscientes com um mata-leão. Usem todas suas forças e usufruem desse poder. Façam-os andar até o centro do Éden. Pode ser que algumas falhem, mas seus esforços não serão em vão. É tudo para acabar com essa distopia, pois a filantropia reinará nesse novo reino!

E assim as não mais escravas seguiram seus caminhos, temendo, e corajosas. Não haviam o que perder, era vida de servidão e maus tratos pelo resto da vida, ou morte, ou liberdade, assim como teriam liberdade para escolher quem amar. O único problema era a taxa demográfica desregulada graças as campanhas doentias de Baphomel. Faltariam parceiros para algumas mulheres; quem sabe acreditar no amor livre seria uma ideia?

A caravana, Junior e Hordienal ficaram ansiosos pelo resultado. Estavam esperando no centro do Éden, ao lado da dama-da-noite. O primeiro homem que chegou estava desamarrado, com as mãos dadas a sua esposa. Eram amantes. O amor ocorria mesmo diante aquela deturpação da natureza humana. O amor sempre prevalecerá, dada circunstâncias. Lilith conversou certinho com ele sobre o que aconteceu e como será. Logo, chegaram mais homens, alguns atados, outros de mãos dadas com suas esposas. Mas a maiora estava atados. Já era tarde e não aparecia mais ninguém. Lilith deu as ordens:

-Ajoelhem-se. Eu não sou sua Rainha, mas por enquanto sou a regente. Cléo é uma das grávidas e precisamos dela para comandar nosso povo. O mundo será diferente daqui pra frente. Teremos liberdade, não só as mulheres, mas vocês também, homens, poderão sair daqui à própria vontade. Desbravar o mundo perigoso lá fora ou continuar no Jardim de Éden. Qual fruto vocês morderão? Alguém pode revelar a localização de Cléo? Enquanto isso, mulheres, invadam todos os hexágonos, usem estas capas de camuflagem quem está com adagas e cinco outras equipam-se com metralha-doras, Lunia nos protegerá com a dela. Tomam a linha de frente, antecipem o movimento do inimigo, mas não utilizem da força letal. Mirem em partes como pernas e pés, para deixá-los sem movimentação. Precisamos resgatar as mulheres grávidas e principalmente Cléo. E todas devem ser postas no centro estratégico da Colmeia! Nos colmos perto do arbusto central! —tudo isso para elas não sofrerem uma síndrome de Estoucolmo, pensou Hodierno havendo estudando psicologia, talvez ele pudesse explicar por analogia depois o que essas mulheres passaram— Um homem respondeu o seguinte, perdurando a pergunta de Lilith:

-Cléo está no héxagono 34, dos 64 hexágonos como casa.

-Certo, para lá partiremos, Lunia e Hordienal, precisamos de você caso precise dar algum sermão no senhorio dela.

As mulheres fizeram toda uma movimentação, deixando os homens paralisados, amarrados, salvando as grávidas, os homens estavam morrendo de medo daquelas com meta-lha-a-dor-as e se submeteram logo em seguida. Foram todos postos a tona na corte, onde ouviriam a declaração da Rainha Cléo. Cléo, no entanto, passara por maus bocados. Quando chegaram lá, o homem já estava preparado, apontando uma faca para o pescoço dela. Talvez ele tenha ouvido toda a agitação lá fora e tenha ocorrido a se proteger dessa forma. Hordienal quando viu a cena aterrorizado disse:

-Pare logo! Não vejas o que está vendo? Você será morto de qualquer forma —ele aponta para Lunia armada— Tire a faca do pescoço dela imediatamente!

-Ah é? Então veja isso!

O homem dá uma rasgada com a faca na barriga da mulher, cortando seu ventre e pondo a vida do bebê em risco. Era pior do que tememos. Lunia deveria ter atirado na cabeça daquele cara antes disso tudo acontecer. E assim fez, logo depois do ocorrido, com sua pontaria certeira!

-Esse cara estava louco! Precisamos de ajuda e já! Venha Cléo, irei te levar a aldeia mais próxima procurar por ajuda médica.

-Espera... tem analgésicos no centro do jardim. Eu os escondi no chão daquela flor com cheiro que vem à noite, para Lilith... caso alguém a machucasse. É só cavar... por sorte... temos uma pá bem aqui —ela tosse sangue—; por favor, não me deixe morrer.

-Mas é claro que não deixarei! Você será a Rainha! Está decidido! Tô certo! Lunia, me dê cobertura, primeiro vamos atrás dos *painkillers* e iremos cavalgando à aldeia mais próxima.

-Sim, senhor!

Eles cavaram e deram as más notícias para o resto da caravana. Mas não tinham tempo a perder. Hordienal e Lunia foram de cavalo ao anoitecer, com Hordineal carregando Cléo entre seus braços, com cuidado para não abrir a ferida, antes haviam amarrado um pedaço de pano em volta e algodão das árvores de algodoeiro para estancar o ferimento, além de ter dado os analgésicos a ela. Ao mesmo tempo que isso aconteceria, as mulheres grávidas salvas eram postas nos colmos e aguardando segunda ordem de Lilith. Algumas das mulheres que foram não voltaram. Quando anoitecera, ela deu seguinte ordem:

-Iremos até dentro da corte, inclusive os homens, complacentes ou desordenados, porém ilesos, mas amarrados perante a minha palavra e poder que rejo. Lá, será dita as regras e iremos registrar os nomes das mulheres com o sobrenome que elas escolherem.

E dessa forma as mulheres seguiram em fila americana. Uma do lado da outra, com as mãos dadas. Em harmonia e união, elas previam a paz desde então. Smith já estava escrevendo os sobrenomes das mulheres no cartório, muitas escolheram nomes de flores, árvores, o que conheciam. Algumas de diferentes espécies de Melipona, pois estavam cansadas de serem *picadas*.

Chegando lá na aldeia, Hordienal e Lilith foram logo ao pronto socorro de uma anciã curandeira, era conhecida lá como Wicça Bedetudo Medisun. Fazia maravilhas com ervas medicinais e ainda era parteira. Perguntou para Cléo:

-Quantos meses está o bebê.

-O-oito... oito meses senhora.

-Então ainda há chance de salvarmos, se fizermos um parto Augustiano, posso até aproveitar dessa ferida para conceber o bebê. Você deseja isso?

-Por favor, faça de tudo para salvá-lo.

-Então tome essas sementes do povo, pois este opiáceo irá acalmar a sua dor.

E a cirurgia, feita com lâminas de obsidiana pré-aquecidas para eliminar a microbiologia, foi um sucesso derradeiro. O bebê estava fraco, nem chorou quando saiu do frente, mas bastou umas batidas em seu bumbum para que acordasse. Deixou a mamar em sua mãe por cerca de quinze minutos. Hordienal estava ansioso, ela precisara retornar a Colmeia.

-Mãe, temos orientações a seguir. Você po-

Interrompendo-o, Wicça disse o seguinte:

-Não se preocupe, posso sim cuidar do bebê. Tenho incubadoras para bebês prematuros. Vão em frente, eu já cuidei das feridas dela. Vocês podem me pagar depois.

-Muito bem, obrigado! Por acaso, qual seria o nome dessa aldeia?

-A aldeia se chama *Women's Omen*. Boa viagem e bom destino, para onde quer que vocês irão.

Algo aconteceu. Getúlio havia visto Lilith entrar com um dos assaltantes usurpadores escoltando uma ferida naquela cabana. Estava prestes a segui-lós, mas parou para ponderar um instante. Sua entrada na Colmeia seria bem-vinda? Acho que melhor não, mesmo assim, mesmo com esses pensamentos, foi atrás. Foi atrás até o esconderijo, dirigindo seu bisecreto. O medo o perseguia, mas a coragem de estabelecer poder era maior. A ambiciosidade tinha-o como morto. E convenceu dois capangas, mercenários, para ir junto com ele; com uma arma calibre .38 e uma faca laranja, para lhe seguirem e protegerem, mas de resto não tinha nenhum pleno em mente. Somente na sua plenitude imaginária acharia que conseguiria alguma realização, alguma façanha.

Chegando lá à cavalo, escoltaram logo ela para a corte. Ela chegou, não com muitas forças, mas ovacionada. Nos ombros de Hordienal, ela proclamou a primeira palavra como Rainha:

-Mulheres da Colmeia, aqui estamos, unidas. Para vencer o patriarcado, o machismo estruturado, pela falsa premissa científica e biológica de que as mulheres devem ser submissas. Merecemos erudição, educação, entretenimento e o mais importante: escolher com quem nós devemos amar e cuidar de nossos próprios filhos!

Gétulio estava ouvindo tudo do outro lado do esconderijo. Teve coragem o bastante para aparecer e dizer:

-Mas que falsa ideologia! Mimimimi! É tudo que eu ouço! Tudo que eu falava e falo é verdade, a minha verdade é absoluta, é a verdade que liberta! E a sua é enviesada, sua mulher louca! Eu tenho espaldo científico! Homens, prendam-na!

Ninguém deu da caravana deu muita bola para o que ele disse, os homens da Colmeia receosos sob as vistas das armas e as mulheres encorajadas com a fala que veio a seguinte; Cléo deu risadas e falou em tom irônico:

-Que lindas vestes simples que você veste, não é? Como um rei se vestiria. Prendam-no vocês, mulheres! Espaldo científico, é? Não foi o que eu aprendi na minha cidade natal, na biblioteca Grande Alexandre, os livros lá ensinam que as abelhas operárias são estéreis e trazem o mel para a colmeia, os zangões só servem para fecundar a abelha rainha e todos sabem que somos seres humanos, não abelhões! Pare de babobagem! Isto que eu quis dizer, você está babando de raiva! Balbuciando palavras, a toa!

O capanga com a .38 tentou atirar na anunciante da prisão e acertou ela pelo raspão do cabelo. Lunia foi mais rápida e metralhou ele em destroços. O laranjal, se amarelou e fugiu de onde tinha vindo e fechou a tranca. Baphomel, ou Getúlio, não que esse nome fora útil agora, ficou paralisado, sem ação e assim foi mais fácil de imobilizá-lo atá-lo em tempo com cordas de feitas com madeixas de folha de freixo. Muitas das mulheres conspiravam para tê-lo queimado numa fogueira, pediram a permissão de Cléo para isso. Ele, Baphomel, ficara sem palavras em meio de todo o murmurio. Ela disse que poderia ser algo razoável, para amedrontar os homens que ainda tinham a mesma ideia que ele. E assim foi feito o preparo para a queima. Nesta tarde, o céu estava escuro, nublado, assim como o clima entre os sexos. Não se tinham conta ainda do desfecho do golpe. A estabilidade ainda não se idealizou e era preciso algo simbólico para isso.

Sempre-verde - Capítulo 24: No Jardim Enredo

Compartilhar

Preparam rapidamente uma plataforma com tábuas do hexágono n° 13 arrancadas para fazer uma fogueira afim de queimar Baphomel, ou Getúlio. A lenha foi colhida dos galhos das árvores mais anciãs, mais antigas. Primeiro, embalsamaram-o com mel, afim de as queimaduras não sejam tão graves e ele morrer pelo calor interno do corpo e segundo, Cléo começou o ritual recitando um poema:

Vibra do cio subtil do fogo,

Meu homem e mal fã!

Vem turbulento da penumbra ao fluxo

Do Mel! Ao Mel!

Do Mel! Ao Mel! Do inferno de além

Vem de Yomi e de Amenthes vem!

Vem com bafo, como animal e fera

E ninfa e sátira à tua beira,

Num asno melático, do inferno sem fim

A mim, a mim!

Vem com Májuria, nupcial na brisa

(Pegureira e apicultor),

Vem com Hecate, leve e estranha,

E a coxa branca, Deus lindo, melada

Ao luar do jardim, em marmóreo sem fim,

Manhã malhada do fogo afronte!

Mergulha o roxo da prece ardente

No ádito rubro, no laço quente,

A alma que aterra em olhos de azul

O ver errar teu capricho exul

No jardim enredo, nos nós que espalma

A árvore viva que é espírito e alma

E corpo e mente — queimem logo esse Serafim!

(Do Mel! Ao Mel!),

Diabo ou deus, vem a mim, a mim!

Meu homem e mal fã!

Vem com trombeta estridente e fininha

Pela rima!

Vem com furor a rufar à beira

Da primavera!

Com frutos e adocicado vem com seu conto!

Não estou eu pronto?

Eu, que espero e me estorço e luto

Com árvore sem ramos onde não nutro

Meu corpo, lasso do abraço em vão,

Áspide aguda, forte leão —

Vem, está vazia

Minha carne, fria

Do cio sozinho da demônia.

Três de espadas corta o que ata e dói,

Ó Nada-Cria, Tudo-Destrói!

Dá-me o sinal do Olho Esperto,

E da coxa áspera o toque exato,

E a palavra do Tolo e do Mago,

Do Mel! Ao Mel!

Do Mel! Ao Mel! Mel! Mel! Mel! Mel!

Sou homem e mal fã:

Faze o teu querer sem vontade vã,

Mulher grande! Meu Mel!

Mel! Ao Mel! Despertei, na dobra

Do aperto da cobra.

Customize appearance

Sempre-verde - Capítulo 25: Num Templo Libertano

Compartilhar

Aurora deu ao seu sogro um celufone extra de presente para caso necessitasse de uma chamada, e o mesmo retornou para sua aldeia, numa montaria escoltada por homens de Cléo. Os jovens adultos, menos Smith, que tem 27 anos, mas mesmo ele, estavam preparados para a missão que lhe foram dada; claro, sem deixar para trás o turismo. Ao adentrar no Reino Oriental Libertal (para eles era só reino Libertal, não havia o Oriente, mas assim é mais fácil de se localizar), foram pedidos para por um identificador em cada uma de suas armas e projeteis, pois ali o crime era baixíssimo pelos mesmos motivos, todos possuam uma arma de sua preferência para poder se defender e em caso de retaliação, iriam saber como buscar o criminoso. O identificador era algo que não poderia ser retirado e só poderia ser visto à luz ultravioleta.

Foi dado um aviso: havia se instaurado uma pandemia naquele lugar, como se alguém houvesse abrido uma caixa de pandora e liberado seus pandemônios. Os idosos eram o grupo de risco, majoritários nessa nação milenar. Visitantes eram bem vindos, mas quem testava para positivo deveria ficar em quarentena até os sintomas desaparecerem. Dado o aviso, a trupe entrou receosa num país da paz, mas com sintomas de luta pelo poder devido à nação ser controlada em sua maioria por anciões. Jovens rebeldes, reacionários, espirravam de propósito em idosos, buscando pelo isolamento total de outras culturas e formar uma nação com unidade religiosa total, sem influências de outras religiões.

Foram dados máscaras e lhe foram ditos sobre como lavar as mãos corretamente, havia postos de sabão gratuitos, assim como o sistema de saúde que era oferecido de graça. O estado só tomava conta disso, além da regulação de armas e as outras coisas eram feitas por deixai fazer, deixai ir, deixai passar. Não havia força militar. A força militar era a própria população armada. Esperavam que essa pandemia passasse com a cooperação da população e com o sistema gratuito de saúde, mas os mais jovens tinham gana por poder. Queriam abolir as tradições milenares de sincretismo religioso o quais eles desejam o perecimento. A caravana foi então, aprender os costumes locais e discutir sobre sua própria fé (ou falta dela).

Smith tomou iniciativa, não havia ninguém nas ruas, nem nos leitos dos rios, então foram atrás de Kamiziru em um templo gigantesco, com árvores em cima de pilares, enraizando até o chão. A cúpula, onde eram dados os cultos e reuniões, era toda ornamentada com letras dos sutras e mantras nas paredes, afrescos com imagens de vários deuses, em harmonia com as paredes brancas de mármore e um grande afresco centralizado na maior janela, um coração e várias canetas ao redor do coração, com uma frase escrita: a caneta é mais poderosa do que a espada. É um país de diplomacia, não haviam entrado em guerra nem externa, nem interna, há mais de 500 anos. Mas essa pandemia incomodava a estabilidade. Pois isolados e não querendo prejudicar os países vizinhos, tiveram que contrapor essas normas, que muitos jovens não aceitaram pois gostam de viajar para o exterior. E tinham a ideia de um mentor, de 25 anos, falando que o sincretismo religioso só trás confusão à verdadeira sabedoria, sendo ele, Seth Tsu, aprendeu sobre o confusoonismo em sua adolescência. O que é a verdade absoluta? A verdade absoluta existe? O que é preciso para se ter sabedoria? O que é dogma e o que é tabu? Eram essas questões que eram evidenciadas para as crianças doutrinadas sob o ensino religioso da nação. O que Tsu gostaria de por a tona é que existe uma verdade absoluta, a do Libertano. Mas isso deixava ele confuso, pois os preceitos a partir da verdade eram:

· Eu tomo o preceito de abster-me de matar seres vivos.

· Eu tomo o preceito de abster-me de tomar o que não for dado.
· Eu tomo o preceito de abster-me de comportamento sexual impróprio.
· Eu tomo o preceito de abster-me da linguagem incorreta.
· **Eu tomo o preceito de amar todos os seres humanos como iguais, respeitando suas crenças e deixando que as coisas boas façam parte da nossa, enquanto as injustas às descartamos.**

Você também vai gostar

Enquanto isso, havia também os Quatro Venenos Mortais e as Quatro Nobres Verdades, sendo as seguintes:

Os Quatro Venenos Mortais:

· **Ignorância: A ignorância é agir sem a sabedoria, agir na ausência do Dharma** (Caminho para a Verdade Superior), na ausência das boas intenções, sem a intenção pura.

· **Ganância: Quando agimos com ganância é aquilo do querer, o querer ter, o querer possuir, o querer obter de qualquer maneira.**

· **Ira:** E nós também agimos com ira, **nós agimos com arrogância, nós agimos com desprezo, desafeto, inveja. Tudo isso são manifestações da nossa ira, da nossa raiva.**

· **Opressão: Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o opressor.** A opressão remove o direito mais sagrado, que é a liberdade.

Tudo isso ele pregava contra, tornando-o um anti-liber entre os jovens. Agia ignorando os preceitos antigos e os venenos era o que ele mais tinha de desejo e fúria, era de obter era o poder para controlar a sabedoria do povo, deixá-los em ignorância e explorá-los. Com ganância de criar um exército mercenário, apoderando-se das armas do povo, um estado forte, para desviar as pessoas da sabedoria e mantê-as alienadas. Mas disso os seus seguidores não sabiam.

As Quatro Nobre Verdades:

Sofrimento: Nascimento é sofrimento, **envelhecimento é sofrimento** e morte é sofrimento. Separação daquilo que gostamos é sofrimento, não obter aquilo que queremos é sofrimento: em resumo, os cinco agregados influenciados pelo apego são sofrimento.

Origem do Sofrimento: É o desejo que renova a existência e é **acompanhado pela cobiça e prazer, cobiçando isto e aquilo:** ou seja, desejo pelos prazeres sensoriais, desejo por ser, desejo por não ser. Mas onde nasce e floresce este desejo? Onde quer que exista algo adorável e gratificante, aí ele nasce e floresce.

Cessar do Sofrimento: É o desaparecimento do último vestígio e cessação desse mesmo desejo; **o rejeitar, o abandonar, o deixar e o renunciar do mesmo.** Mas onde é que este desejo é abandonado e terminado? Onde quer que exista aquilo que parece adorável e gratificante, aí é abandonado e terminado.

Conduz à Cessação do Sofrimento: Entendimento correcto, Intenção Correcta, Linguagem Correcta, Acção Correcta, Meio de Vida correcto, Esforço correcto, Atenção Plena Correcta e Concentração Correcta.

Ele deixava de lado todas as nobres verdades, queria que os velhos morressem logo para cessar o sofrimento, deturpava as escrituras, cobiçava pelo prazer ao invés da paz interior, não tinha o entendimento correto, agia de mau agouro contra as pessoas infavoráveis a sua posição política e religiosa, ele perecia em confusão e isso lhe dava prazer.

E o que mais confundia Seth era:

As Duas Verdades: É a verdade absoluta e a relativa. Em termos relativos, é preciso praticar para extinguir o sofrimento; em termos absolutos, não há sofrimento, nem caminho, nem realização — a onda já é a água. Absoluto e relativo se encaixam perfeitamente, e as duas verdades se complementam. Devemos viver em contato tanto com o absoluto quanto com o relativo.
Ele vivia em dúvida se uma verdade dele ou dos outros poderia ser uma mentira, no fim, ele se baseava na Deusa proclamado a vilã que destruiu Pheops, Éris Setembris, Deusa da Discórdia para seguir em frente com sua ideologia.

Tudo isso lhe fora apresentado à caravana, ao Junior e à Lilith que agora participavam dela, pelo monge e mentor do Templo Sagrado Libertano Theradadocerto. E agora, eles os questionava sobre suas crenças, Gideon começou falando das suas, que não lhe pertenciam mais:
-Falo sobre os 12 mandamentos, que fazem parte da tribo onde nasci, mas nunca os aceitei como verdade, pois me sentia mal sem saber porquê. Hoje em dia eu sei. É uma coisa boa até o décimo mandamento, mas mesmo assim sei que é um Deus ególatra e narcisista. Os 12 mandamentos são:

Você leu todos os capítulos publicados.
⏰ Última atualização: há 18 minutos ⏰

Adicione esta história à sua Biblioteca e seja notificado quando novos capítulos chegarem!

Continue lendo o próximo capítulo
Adicionar
Voto